

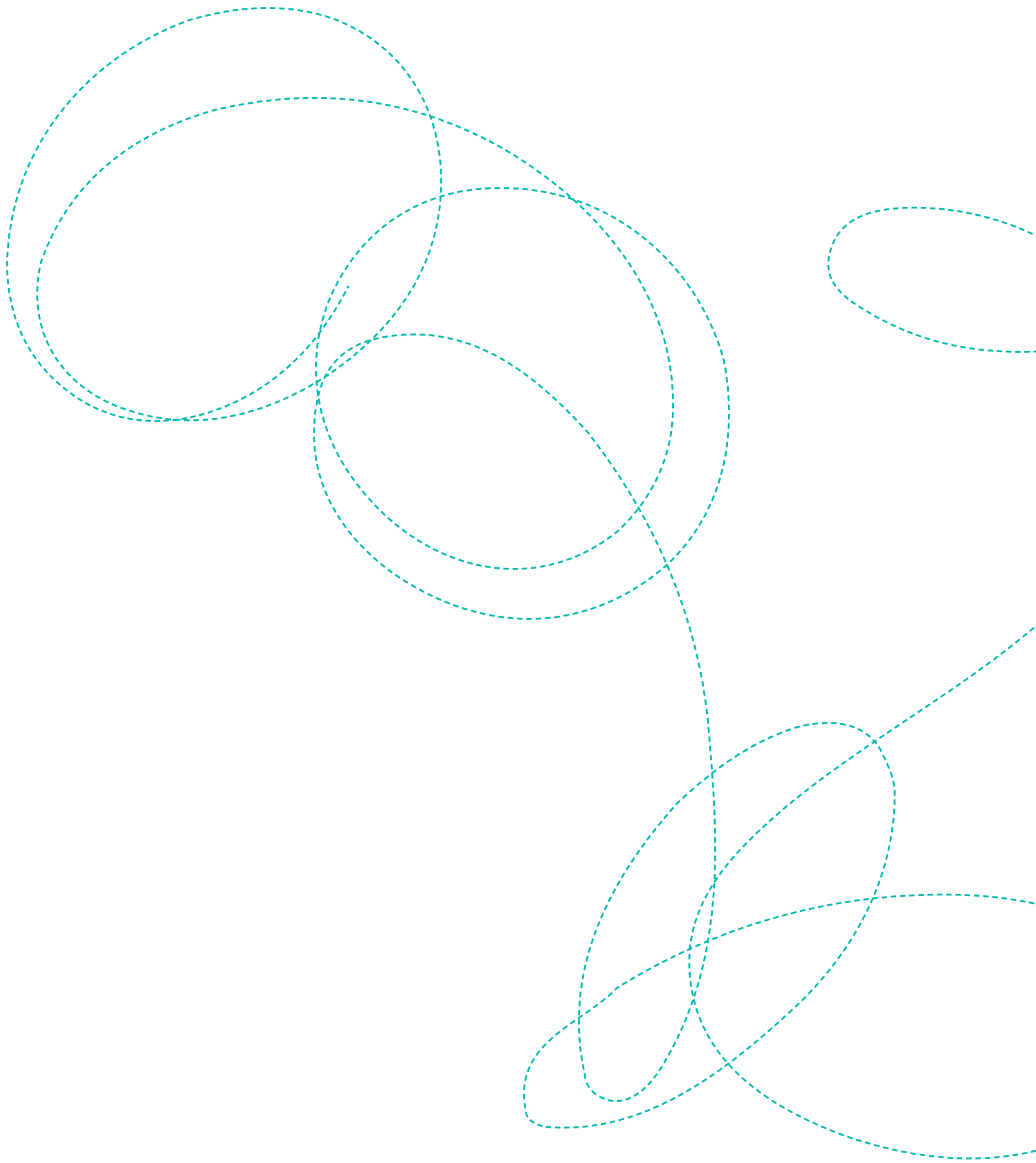
EDUCOMUNICAR

Comunicação, Educação e Participação para uma
educação pública de qualidade



educomunicação

Rede CEP | Comunicação, Educação e Participação



A Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP) conta com o apoio do Instituto C&A e do Unicef.

EDUCOMUNICAR

Comunicação, Educação e Participação para uma
educação pública de qualidade

Realização:

Produção:

Parceria:





Realização

Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP)

Organizações da Rede

Auçuba (PE), Bem TV - Educação e Comunicação (RJ), Centro de Criação da Imagem Popular (CECIP - RJ), Cidade Escola Aprendiz (SP), Cipó Comunicação Interativa (BA), Ciranda (PR), Comunicação e Cultura (CE), MOC (BA), Núcleo de Comunicação e Educação - USP (SP), Oficina de Imagens (MG), Saúde e Alegria (PA), Agência Uga-Uga (AM)

Produção

Bem TV - Educação e Comunicação

Projeto Gráfico e Diagramação

Victor Gruzman

Fotografias

Arquivos das Organizações

Revisão dos textos

Olívia Bandeira de Melo

SUMÁRIO

- 06** **Museu de Novidades**
Alexandre Le Voci Sayad - Secretário executivo da Rede CEP
- 08** **Educomunicação: a contribuição que a Rede CEP pode oferecer às políticas públicas**
Ismar Soares - Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo
- 11** **Escola de Vídeo – uma experiência de comunicação e educação**
Auçuba
- 15** **Aprender Fazendo (Mídia)**
Bem TV - Educação e Comunicação
- 19** **Botando a Mão na Mídia**
Centro de Criação da Imagem Popular (CECIP)
- 23** **A Educomunicação no Bairro-Escola: fortalecendo o território e a comunidade local**
Cidade Escola Aprendiz
- 27** **Escola Interativa: para transferir a Educação**
Cipó Comunicação Interativa
- 31** **Luz, Câmera... Paz! nas Unidades**
Ciranda
- 35** **Programa Jornal Escola**
Comunicação e Cultura
- 39** **Educomunicação no Sertão da Bahia**
Movimento de Organização Comunitária
- 43** **NCE/USP - Pesquisa e Assessoria em políticas públicas de educomunicação**
Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo
- 47** **Oficina de Imagens: 10 Anos de experimentação e iniciativas em educomunicação**
Oficina de Imagens
- 51** **Educomunicação com Saúde e Alegria – Experiências da Rede Macoronga em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**
Saúde e Alegria

Museu de Novidades

De 2005 para cá, quando a primeira publicação que marcava a constituição da Rede CEP foi lançada¹, conceitos como “era digital” e “sociedade do conhecimento” tornaram-se, de certa forma, peças de museu. Não pela invalidação dos termos, mas pelo esvaziamento de significado devido ao uso excessivo e muitas vezes descontextualizado das palavras por gestores, educadores e formadores de opinião.

Grandes mudanças ocorreram não só em relação aos conceitos, mas nas preocupações sobre a educação. Não é mais novidade, ou seja, não está restrita a rodas de intelectuais, a idéia de que a qualidade da educação pública é de extrema importância para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Qualidade essa ligada à porcentagem do PIB destinada à educação, mas também à expansão das boas práticas educativas que já acontecem por todo o país.

Isso ficou claro porque o Ministério da Educação (MEC) e seus parceiros desenvolveram instrumentos cada vez mais sofisticados que permitem medir o desempenho de estudantes, professores, escolas e redes. O Aprova Brasil, por exemplo, desenvolvido pelo UNICEF, investiga qualitativamente a realidade de escolas que tiveram desempenho acima da média na Prova Brasil, do MEC.

As organizações não governamentais ganharam também um papel cada vez mais sólido e atuante, com os bônus e ônus que isso significa de fato. As novas tecnologias se espalharam com uma rapidez tão grande que nem assustam mais (o que causa espanto é que o gargalo do acesso a elas ainda existe em regiões do país). Mas continuam existindo muitas dúvidas sobre os impactos reais dessas tecnologias na escola e sobre as formas de sua utilização.

De que modo os projetos das organizações que compõem a Rede CEP, que envolvem crianças e jovens na produção de mídia, se adaptaram a essas mudanças? Surge daí a urgência e elementaridade desta publicação, em que cada organização explicita seus conceitos e evidencia suas práticas.

Realizar projetos educacionais exige das organizações da Rede CEP repensar a cada momento o que estão fazendo, porque estão fazendo e onde pretendem chegar, porque os processos são dinâmicos e exigem constantes avaliações e mudanças de planejamento. Essa experiência for-

talece a certeza das organizações de que o trabalho em educomunicação é fundamental para uma educação de qualidade. Uma educação que ignora os efeitos da comunicação e da mídia no seu contexto e não envolve a participação dos educandos na verdadeira construção de conhecimento deve ficar para trás.

No cenário das políticas públicas do Brasil, onde mora o grande desafio deste trabalho da Rede CEP, o novo e o arcaico ainda convivem.

Há um esforço enorme para que as políticas dos ministérios da Educação, do Meio Ambiente, das Comunicações e da Cultura possam criar programas integrados quando o assunto é o ensino. No campo da educação ambiental, por exemplo, já foi percebida a importância de não só se receber informações da mídia, mas também produzi-la. O Programa de Educomunicação Socioambiental, ainda em fase de discussão, fomenta as iniciativas já existentes, valoriza os meios digitais para propagação de informações, a integração e os conhecimentos populares. Mas esse tipo de iniciativa ainda é raro.

No entanto, estamos diante de excelentes oportunidades. A integralidade da educação e o debate sobre o ensino médio são itens importantes de conceitualização e dimensionamento nas políticas públicas e um campo fértil para que a educomunicação possa atuar e deixar sua marca.

Nesse sentido, o maior desafio da Rede CEP parece mesmo estar na sensibilização do poder público para o que de fato constitui a prática educacional. O que é chamado de “olhar sistêmico”.

Educomunicar não é somente utilizar um computador ou uma câmera digital em sala de aula. É integrar educador e educando no desenvolvimento de produtos de comunicação; é permitir múltiplos olhares do plano pedagógico sobre a educação; é apropriar-se criativamente dos meios de comunicação; é integrar a voz dos estudantes ao “ecossistema comunicativo” (como definiu o espanhol radicado na Colômbia Jesús Martín-Barbero) da escola e é, em última instância, melhorar a gestão do ambiente escolar com a participação dos educandos. Vale lembrar que escolas com bom desempenho na Prova Brasil realizavam programas de integração dos alunos com as questões centrais da gestão – alguns deles utilizando a comunicação.

Atentar com profundidade a esses objetivos, entre muitos outros, é não relegar a segundo plano quem trabalha com mídia, como aconteceu nos anos 30 do século passado com o educador francês Célestin Freinet, que propôs trabalho com jornais escolares e foi expulso do sistema de educação formal.

A Rede CEP quer que estados, municípios e escolas entendam essa dimensão do aprender e desejem estar perto da educomunicação. E que a União possa prover a eles o acesso às tecnologias e às práticas metodológicas.

Isso tudo é fundamental para que o conceito de educação de qualidade não vire rapidamente também peça de museu, e tenha seu profundo e necessário significado esvaziado.

* Secretário Executivo da Rede CEP – Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação

1 ROSSETTI, Fernando. Mídia e Escola: Perspectivas para políticas públicas. São Paulo: UNICEF/Jogos de Amarelinha, 2005. Download disponível em www.redecep.org.br

Educomunicação: a contribuição que a Rede CEP pode oferecer às políticas públicas



A logomarca da Rede CEP tem como símbolo uma espiral centrífuga, de onde sai um neologismo denso de significado: *educomunicação*. Se perguntarmos para qualquer das organizações que compõem a rede o que caracteriza suas ações, a resposta será uma, sem exceção: “fazemos educação, pela comunicação, usando a mídia, com muita participação”.

No final dos anos 90, o NCE/USP, após pesquisas junto a especialistas de 12 países da América Latina, identificou a educomunicação como o “conjunto das ações inerentes aos processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos”. Apontava desta forma, para a tradição latino-americana de colocar os meios de informação a serviço dos interesses e das necessidades da população, e não exatamente do mercado ou dos sistemas econômicos e políticos. Hoje, inúmeras organizações do movimento social entendem, como a Rede CEP, que a melhor forma de educar as gerações de crianças e jovens é possibilitar que entendam como funcionam os sistemas de informação. É garantir a todos o indispensável acesso às tecnologias, a partir, contudo, de alguns pressupostos básicos, que passamos a considerar.

EDUCOMUNICAÇÃO É O MESMO QUE TIC OU MÍDIA E EDUCAÇÃO?

Ao afirmarmos que a educomunicação volta-se, sobretudo, para criar, viabilizar e desenvolver “ecossistemas comunicativos”, apontamos para o desafio em repensar as formas como são concebidas as relações no interior dos espaços educativos. No caso, a educomunicação defende – com base em Paulo Freire - a maneira dialógica e construtivista de “estar juntos” no mundo, começando pela escola. Exalta, assim, virtudes como a capacidade de escuta e a disposição em favorecer e multipli-

car as ocasiões de manifestação de todos os pólos vivos do processo educativo.

O conceito de educomunicação é reconhecido, desta forma, pela busca do ideal de uma comunicação viva e plena, estando os educadores centrados na promoção - e na consolidação, onde já existam - das oportunidades da fala, ou, em outras palavras, numa didática preocupada com a socialização dos recursos indispensáveis para que, na prática, seja evitado o monopólio da palavra.

Nesse sentido, o conceito de educomunicação se confronta com algumas das formas pelas quais são exaltadas as TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação, quando são apresentadas como panacéia para todos os males da educação tradicional (“educação moderna é aquela que faz usos das TIC”). Ou, ainda, quando são identificadas como recursos a serviço da performance do professor, independentemente da verticalidade ou horizontalidade de seu procedimento.

Para a educomunicação, as tecnologias devem estar sobretudo a serviço da comunidade, sendo geridas democraticamente. No caso, a proposta de se ter na escola “um computador por aluno” é tentadora. Mas sob o foco da educomunicação, melhor seria pensar num “laboratório multimídia por escola”, onde grupos de docentes e estudantes estejam envolvidos em projetos coletivos. É o que a educomunicação denomina como ampliar o “coeficiente comunicativo” das ações educativas.

Em síntese, a educomunicação confronta-se, basicamente, com dois conceitos muito em voga: o “funcionalismo” (teoria que cristaliza os papéis que emissores e receptores exercem no espaço da produção cultural) e o “iluminismo” (teoria pela qual cabe ao sistema educacional sistematizar e transmitir conhecimentos). Ao questionar as funções e as estruturas facilitadoras das operações de comunicação e o próprio sentido desta ação, a educomunicação se pergunta, antes, pelas pessoas envolvidas e pelo sentido do próprio ato de comunicar, entendendo que todos somos mediadores dos processos de produção da cultura.

Muitos dos gestores responsáveis pela introdução das TIC nas escolas fazem uso do conceito “Mídia e Educação” (emprestada da expressão inglesa *media education*, que no seu original significa “educação para a recepção da mídia”). Em muitos casos, existe perfeita sintonia entre a ação de tais

empreendedores e a dos que preferem trabalhar com o termo educomunicação. Nada a opor, pois, a esta prática, desde que a opção pelo emprego dos recursos da mídia aponte para uma política de ação que faça frente, simultaneamente, ao funcionalismo e ao iluminismo. Caso contrário, não se estaria fazendo outra coisa que reforçar os sistemas tradicionais, agregando a eles o valor que o marketing usado conseguir imprimir.

AS MÚLTIPLAS FACES DA EDUCOMUNICAÇÃO

A prática da educomunicação se dá em diferentes áreas de trabalho. A literatura do NCE/USP aponta para a existência das seguintes possibilidades de atuação do profissional da educomunicação:

- Educação pela e para a comunicação (“media education” - prepara os receptores para relacionar-se criticamente com as mensagens dos meios de informação);
- Mediação tecnológica na educação (preocupa-se com o uso adequado e compartilhado das tecnologias no ensino)
- Expressão comunicativa através das artes (práticas que visam ampliar os espaços e as modalidades de expressão)
- Gestão da comunicação nos espaços educativos (assessoria aos sistemas educativos no entendimento do que seja a educomunicação, colaborando para que processos coerentes sejam implantados)

- Reflexão epistemológica sobre o novo campo (reflexão sobre as próprias ações, de forma a garantir coerência epistemológica ao ato de pensar e produzir comunicação)

Das áreas anunciadas, ganha importância a que se refere à gestão dos processos destinados a construir ecossistemas comunicacionais. A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se, como vimos, tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não formais de educação. O que caracteriza a gestão é, em suma, a “costura” que alcança produzir - por meio da ação prática - entre as várias vertentes que aproximam a comunicação e a educação.

Frente aos desafios inerentes à nova proposta governamental da “escola integral”, o conceito de educomunicação poderia a ser transformado num referencial seguro e promissor para os que ainda vêm com dificuldade a incorporação do “contraturno” ao cotidiano da escola.

Com a educomunicação, suas tecnologias e seus processos criativos de produção de cultura, toda escola se transformará num espaço de criação, em “meio período” ou em “período integral”. Em pouco tempo, os administradores públicos, os gestores e os diretores se perguntarão, entre atônitos e satisfeitos: por que demoramos tanto a descobrir uma proposta tão simples? Para o entendimento desses novos caminhos, as instituições membros da Rede CEP têm muito a contribuir.

* Pesquisador da ECA/USP. Professor visitante da Marquette University, Milwaukee, USA (1999-2000); Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da USP <www.usp.br/nce>, Supervisor do Programa de educação a distância “Mídias na Educação” do MEC para o Estado de São Paulo; Membro do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais do Vaticano (2001-2008), Jornalista responsável pela revista Comunicação & Educação. <ismarolive@yahoo.com>.



Escola de Vídeo – uma experiência de comunicação e educação



COLHENDO NOTÍCIAS NA COMUNIDADE

A EXPERIÊNCIA

O Escola de Vídeo dá ênfase ao desenvolvimento do jovem como sujeito de iniciativas sócio-políticas, utilizando estratégias pedagógicas para formação em três dimensões: humana, política e técnica. Busca ampliar as possibilidades de empoderamento e autonomia da juventude, que surgem como consequência de um trabalho baseado no acesso ao conhecimento tecnológico e na preparação do cidadão informado, crítico e criativo. A participação é o princípio fundamental e a autonomia e a pró-atividade são os resultados esperados dessa intervenção.

O projeto empreende um processo de aprendizagem em consonância com o interesse e a realidade do seu público. Sua referência teórico-metodológica parte de duas abordagens de cunho participativo e mobilizador – as pedagogias de Paulo Freire e Célestin Freinet. Na obra do primeiro, é reconhecida a dialogicidade como princípio da relação entre educador e educando, na qual o eixo da comunicação é mais interativo e

construtor de significados por e para ambos, na construção do conhecimento. Ainda em Freire, encontra-se correlação com a prática de incentivo ao posicionamento crítico frente aos diversos textos da comunicação social (mídia eletrônica, impressa, rádio, etc.), problematizando a realidade. No francês Freinet, o Auçuba reconhece respaldo teórico para sua prática do aprendizado pela experimentação.

Com essa base, o projeto segue algumas etapas que, em princípio, têm o vídeo como estratégia central e como linguagem a ser apreendida técnica e estruturalmente pelos jovens. Em edições posteriores foram introduzidas novas etapas e outras linguagens: rádio, fotografia e jornal.

Resumidamente, as etapas focam: valorização do indivíduo, relações interpessoais, participação, questões de grupo; a expressão corporal, a fotografia e as artes plásticas despertando para o exercício do olhar; noções básicas de teoria, produção de vídeo e aulas práticas com a câmera; pesquisa, produção e elaboração do roteiro de ví-



deo; a TV de Rua nas comunidades – o primeiro contato externo dos jovens e o sentido mobilizador da comunicação têm início no projeto; Núcleos de Produção (etapa iniciada em 2000), que são continuidade do trabalho embrionário das TVs de Ruas, mas com autonomia para abordar aspectos relevantes das e com as comunidades.

Em 2002, alguns dos jovens idealizaram e realizaram oficinas de vídeo (viabilizadas pelo prêmio da UNESCO) em escolas públicas do Recife, Camaragibe e Olinda. Essa experiência foi piloto para a implementação dos Núcleos de Comunicação Comunitária (NCC) a partir das escolas / bairros, etapa iniciada em 2003. A partir daí, a ênfase é dada ao processo de retorno dos jovens às suas comunidades, agora como educadores, e à mobilização social através da comunicação.

Entre 2006 e 2008, o projeto passou a atuar a partir de uma base tecnológica no bairro da Bomba do Hemetério, abrigando as atividades de formação de adolescentes de sete comunidades do entorno para produção de comunicação e mobilização. Uma casa foi montada com equipamentos de informática, vídeo, rádio e fotografia. Hoje, o espaço é referência na comunidade e segue construindo alternativas de formação, de articulação política e mobilização comunitária.

A relação do projeto com o poder público se deu de forma descontinuada ao longo da sua trajetória. Mas reflete, sobretudo, o interesse do Auçuba em socializar sua experiência de forma a inspirar a adoção de metodologias participativas no ensino formal. Com esse intuito, em 1995 o projeto aconteceu em quatro escolas públicas do

Recife, envolvendo 40 alunos e quatro professores, por meio de convênio com a secretaria de educação do município. Em decorrência da avaliação dessa experiência, o Auçuba produziu e promoveu a distribuição do Kit Escola de Vídeo com o objetivo de difundir e socializar na rede pública suas estratégias metodológicas. O material, distribuído a partir de 1998, consta de CD-ROM, folhetos explicativos e a descrição metodológica para o uso do vídeo-debate, além de fita de vídeo. Em 2001, através de convênio com a Secretaria de Educação de Olinda, o projeto Escola de Vídeo foi desenvolvido em cinco escolas. Entre 2003 e 2006, a experiência de formação dos Núcleos de Comunicação Comunitária foi realizada em parceria com escolas públicas de Recife e Olinda, em suas dependências. Em 2006, numa tentativa de promover mais uma vez a aproximação com as escolas, o projeto abriu-se à formação pedagógica da sua equipe, mas não houve adesão dos profissionais.

No entanto, é preciso dizer que o cumprimento dessa meta propiciou à equipe do projeto – até então jovens egressos do Núcleo de Produção, que atuavam como monitores desde 2002 – amadurecimento pedagógico para assumir a responsabilidade enquanto educadores e, na seqüência, responder pela condução do projeto tendo à frente da coordenação um desses jovens.

PÚBLICO BENEFICIÁRIO DO PROJETO:

Adolescentes e jovens (13-22 anos) de comunidades de baixa renda do Recife e de Olinda, do ensino fundamental e do ensino médio (em curso ou concluído).



NÚMEROS DO PROJETO:

Custo anual – R\$ 400.000,00 (viabilizam: quatro educadores, coordenação, oficineiros pontuais, palestrantes, infra-estrutura física, equipamentos, transportes, material didático e de comunicação, alimentação e produções de vídeo, rádio, jornal, fotografia e circuitos de exibição de rua).

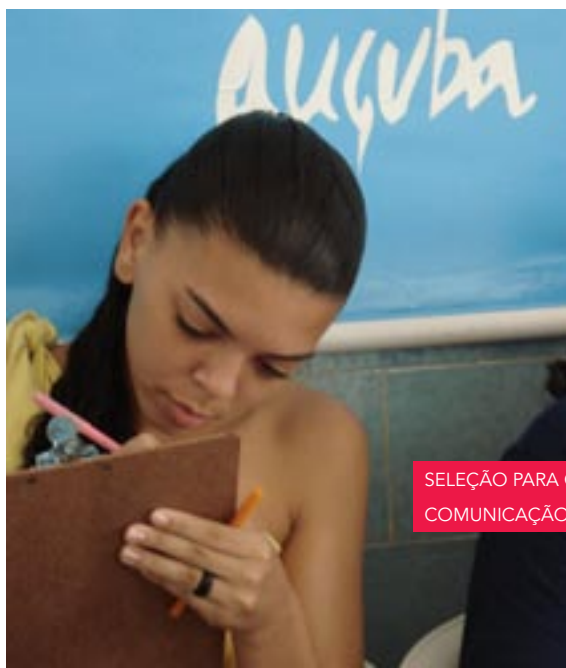
Atendimento – De 1995 a 2008, cerca de 500 jovens em atendimento direto e mais de cinco mil em ações multiplicadoras (exibições de TV de Rua e TVs comunitárias e oficinas de monitoria realizadas pelos jovens); cerca de 15 escolas públicas, atingindo alunos e professores; oficinas de Comunicação e Educação com 45 técnicos em educação (dos quais 15 são diretores de escolas) da rede pública de ensino de Olinda, em 2001 e 2002.

Produtos de comunicação – Mais de 40 títulos em vídeo (vários formatos e gêneros); seis programas de rádio e diversos spots; 3 edições de jornais impressos e inúmeros fanzines;

Envolvidos – profissionais de comunicação, sociologia, educação, psicologia e artes (artes plásticas, teatro etc.). De 1995 a 2008, o projeto foi conduzido por seis coordenadoras. A última responde pela coordenação desde 2007 e é egressa do projeto. Conta ainda com a participação de voluntários (em palestras, debates e outras atividades) e parcerias com lideranças comunitárias e gestores de escolas públicas de comunidades onde atua. Teve o apoio financeiro de quatro parceiros: Fundação Odebrecht (1995-1999), Comunidade Solidária (2000), Instituto Ayrton Senna (2001-2002), Instituto C&A (2003-2006) e FEDCA/CEDCA/OI Futuro (2006-2008).

BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO:

Auçuba - Comunicação e Educação é uma ONG pernambucana, fundada em 1989, voltada prioritariamente para a defesa dos direitos de crianças, adolescentes e jovens. Tem a metodologia de educação pela comunicação como sua grande força de ação. Em 2001, recebeu prêmio da UNESCO como uma das cinco experiências de Pernambuco que têm resultados relevantes e efetivos na prevenção da violência entre jovens de comunidades de baixa renda. Ficou entre as 30 instituições brasileiras reconhecidas por esse organismo como “êxito de metodologia de formação”. Em 2003, recebeu o Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo com a campanha social “Registro Civil de Nascimento, uma certidão de cidadania”, realizada em parceria com o UNICEF.





Aprender fazendo (Mídia)



Diariamente, somos bombardeados por informações que nos chegam por rádio, televisão, internet, jornais, revistas, outdoors e cartazes espalhados pela cidade. A comunicação de massa e a comunicação mediada por computador e outros dispositivos digitais ampliam cada vez mais sua participação na construção dos sentidos sociais e das identidades, e por essa via chegam à sala de aula. Também cresce a percepção de que dominar as linguagens da comunicação e as ferramentas que nos permitem produzir – e não só consumir mensagens – torna-se essencial para o exercício da cidadania e para a possibilidade de influenciar as decisões políticas. A comunicação passa a ser vista como um direito humano.

É pensando em formas de democratizar a comunicação e influenciar políticas públicas que levem a mídia para dentro da escola que a Bem TV – Educação e Comunicação organiza seu foco e suas estratégias de ação. A organização utiliza a comunicação como metodologia para formar jovens críticos e comprometidos com a construção

de uma sociedade solidária. Para dar conta dessa missão, desenvolve um projeto de atendimento direto aos adolescentes (Olho Vivo) e outro voltado ao aperfeiçoamento dos professores que atuam nas escolas onde estudam esses jovens (Educomunicar). As duas estratégias apostam nos processos de produção e veiculação de mensagens para alcançar melhores resultados no processo de ensino/aprendizagem.

PRECEITOS BÁSICOS

Como outras organizações da Rede CEP, a Bem TV se apóia na proposta da educomunicação. São os processos de produção e veiculação de mensagens estruturando a construção de conhecimento.

Ao desenvolver um vídeo, por exemplo, o aluno pesquisa sobre o tema, organiza as informações em um roteiro, re-significa essas informações na gravação e faz uma sistematização ao editar o material. Ao longo de todo o processo, desenvolve competências (como capacidade de pesquisa



JOVENS PRODUZEM FOTONOVELA

e expressão, capacidade de trabalho em grupo, responsabilidade e senso crítico) e se apropria do conteúdo trabalhado.

Outro diferencial refere-se à veiculação da produção. Diante da perspectiva de “falar” para os colegas ou para a comunidade, o compromisso da criança ou do adolescente em relação à produção de texto ou imagem se torna maior. Sua produção estará impactando sua identidade frente ao grupo e não apenas servindo de parâmetro para a nota que a professora lhe dará.

Todos concordam que é preciso garantir processos individualizados de educação, que é necessário trabalhar a partir dos interesses dos educandos. Mas como fazer isso com turmas de mais de 30 alunos? Como conciliar esse ideário com as ementas exigidas nacionalmente? A produção de mídia em sala de aula é uma resposta a essas questões. Mas é preciso estar preparado para aulas “barulhentas”, alunos “questionadores” e para uma revisão de papéis entre os sujeitos da escola.

PROJETO OLHO VIVO

O projeto Olho Vivo viabiliza a produção de mídia por adolescentes em quatro comunidades de baixa renda de Niterói: o Morro do Preventório, a Grota, o Morro do Estado e Jurujuba. As quatro regiões somam mais de 25 mil habitantes e quase metade destes são jovens entre 13 e 22 anos. Na região, funcionam quatro escolas públicas estaduais e três escolas municipais. Apesar do número

significativo de instituições, existem 800 adolescentes na região que estão fora da escola e, entre os que estudam, 64% observam uma defasagem de pelo menos dois anos em seu fluxo escolar¹.

As ações do projeto se organizam em dois componentes: as Oficinas de Mídia e os Grupos de Jovens Comunicadores. Nas Oficinas de Mídia, a cada ano 90 adolescentes aprendem técnicas de produção audiovisual, fotografia ou desenvolvimento de sites. Em encontros semanais, eles usam as técnicas aprendidas para levantar a memória e o diagnóstico da situação de vida de cada região. Ao final do processo, uma exposição fotográfica, vídeos e sites produzidos pelos jovens abrem espaço para uma discussão nas comunidades sobre problemas e potencialidades de cada território.

Egressos das oficinas podem dar continuidade ao aprendizado participando dos Grupos de Jovens Comunicadores. Hoje existem três grupos: o Nós na Fita; que gerencia um cineclube itinerante e produz vídeos, o Olho Vivo, editor de um jornal e responsável por exposições anuais de fotografia, e o Virtuação, gerente de uma agência virtual de notícias (www.niteroicomunidades.org.br).

Entre os 537 jovens que já passaram pelo projeto Olho Vivo, que teve início em 2003, mais da metade melhorou seu desempenho escolar e quase 80% melhoraram suas relações familiares. Hoje, 15 jovens egressos do projeto atuam no mercado de trabalho de comunicação e seis chegaram ao ensino superior.

PROJETO EDUCOMUNICAR

Em 2006, teve início o projeto Educomunicar. A proposta de realizar uma oficina de capacitação (carga horária de 60 horas) voltada para professores surgiu do diálogo que a Bem TV já mantinha com as escolas da região, através do projeto Olho Vivo. Desde então, a oficina vem sendo reeditada anualmente. Vinte e uma escolas de Niterói e 14 do Rio de Janeiro já participaram do projeto. O processo formativo começa com uma introdução à educomunicação. Na segunda aula, discute-se a gestão de projetos de comunicação na escola; o objetivo é convencer os educadores de que com planejamento, flexibilidade e articulação qualquer proposta se realiza.

A partir do terceiro encontro, os participantes têm contato com cada uma das principais linguagens midiáticas: internet, jornal, rádio, fotografia e vídeo. São três encontros para cada linguagem, sempre associando discussão teórica, atividades práticas de produção e reflexão crítica dos processos. Os dois últimos encontros são dedicados à construção de projetos de comunicação para serem implantados nas escolas, com a participação dos alunos, muitos deles capacitados na área de comunicação também pela Bem TV.

Um “seminário de pactuação” marca o encerramento do processo formativo. Participam, além dos professores envolvidos com a oficina, os diretores das escolas e representantes das secretarias municipal e estadual de educação). No evento, os professores apresentam seus projetos e estabelecem os acordos necessários à sua efetiva implantação.



BREVE HISTÓRICO

A Bem TV surgiu como idéia em 1990, durante os três dias de viagem que separam Niterói (RJ) de São Luís do Maranhão (MA). Uma aluna de jornalismo e um aluno de publicidade voltavam de um encontro de estudantes, quando tiveram a idéia de colocar a comunicação a serviço de processos de mobilização e educação popular, inspirados no trabalho da TV Viva de Recife (PE).

Inicialmente, a ação consistia em exibir em espaços públicos de comunidades de baixa renda de Niterói vídeos produzidos com a participação de moradores dessas áreas. Invariavelmente, os adolescentes eram os primeiros a abraçar a idéia, atraídos pelas câmeras e pela possibilidade de expressão. Esse contato com os jovens levou a Bem TV ao diálogo com as escolas e aproximou sua proposta dos fazeres da educação.

PARCEIROS ATUAIS:

Projeto Olho Vivo: Petrobras, Oi Futuro, SESC

Projeto Educomunicar: Instituto Unibanco
Prêmios:

Projeto Olho Vivo: Itaú UNICEF (2007)

Projeto Educomunicar: Fundo Itaú Excelência Social (2007)

OUTROS PROJETOS:

Entre fraldas e cadernos: parceria com o UNICEF.



1 Dados: Censo 2000, Programa Médicos de Família, Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia.



Botando a Mão na Mídia



A maior parte do tempo livre de alunos e professores brasileiros se passa diante da telinha da televisão. A garotada da escola básica gasta mais horas ali do que assistindo a aulas ou convivendo com os pais. Ler, então, é hábito de poucos. O desafio para os educadores é que, para promover a aprendizagem, eles devem partir da realidade dos alunos, ajudando-os a estabelecer pontes entre os conteúdos do saber sistematizado da escola e suas vivências cotidianas. Como ignorar esse aspecto essencial de suas vidas, que é a sua relação com a televisão e com a mídia em geral?

Muitos professores começam a procurar informações e recursos para aumentar sua competência em integrar as tecnologias da comunicação à escola, trazendo para a sala de aula a televisão, o vídeo, os jornais, as revistas, o rádio e a internet.

Ao “botar a mão na mídia”, descobrem que ela pode ser um instrumento pedagógico excepcional. Mas, atenção: a tecnologia não é o mais importante nessa história. Para que essa revolução interna aconteça, é preciso tanto assumir quanto provocar mudanças de atitude, passando de simples consumidores passivos a leitores e observadores críticos dos meios de comunicação, capazes de criar suas próprias mensagens e conteúdos.

Pensando nisso, o CECIP desenvolveu o projeto Botando a Mão na Mídia, sistematizando a experiência acumulada em mais de seis anos de trabalho com alunos e professores do sistema público de ensino de segundo grau. Criamos um conjunto de materiais educativos (um kit), composto de um manual, dois cartazes e um vídeo/DVD, com todas as informações indispensáveis a



OFICINA COM PROFESSORES

seu uso eficaz. Entre 2000 e 2003, esse material foi usado em oficinas de formação de orientadores de telecentros, que repassaram o aprendido a professores do sistema público de ensino do Estado do Rio de Janeiro, numa parceria com a Secretaria Estadual de Educação. Em 2005, o Botando a Mão na Mídia foi distribuído pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação a 3.500 escolas espalhadas por todo o território nacional. O CECIP realizou a formação de agentes multiplicadores que, por sua vez, capacitaram os professores das escolas que receberam os kits. A experiência demonstrou o potencial da metodologia do Botando a Mão na Mídia, também merecedora do prêmio de Tecnologia Social da Fundação Banco do Brasil.

A SEGUIR, BREVEMENTE, SEUS PONTOS PRINCIPAIS:

O curso Botando a Mão na Mídia é composto de seis oficinas de quatro horas de duração. Cada oficina é estruturada em dois blocos temáticos: linguagem audiovisual (Tempo de Conhecer) e questões técnicas (Tempo de Fazer). Elas alternam momentos de debate e de reflexão, atividades em grupo e plenárias, proporcionando aos participantes, caso sejam professores, uma vivência prática que os motiva a experimentar com seus alunos algumas das atividades de que participaram.

No bloco de linguagem audiovisual, o Tem-

po de Conhecer, parte-se da prática para chegar à teoria, organizando situações de aprendizagem que incentivam os participantes a desenvolver um olhar crítico sobre os meios de comunicação. O mesmo acontece quando o grupo é formado por alunos: a idéia é refletir sobre sua própria experiência e experimentar novas atitudes. Os textos do pensador espanhol Joan Ferrés sobre TV, Vídeo e Educação são usados nesse bloco para aprofundar esses conceitos.

No bloco sobre questões técnicas, o Tempo de Fazer, o caminho é inverso: parte-se da teoria para chegar à vivência prática. As dinâmicas preparam os participantes para usar os aparelhos de vídeo, TV e câmera, para dominar os equipamentos de que a escola dispõe e para saber como utilizá-los criativamente. Essa experiência prática, de mão na massa, é fundamental para que professores adquiram confiança em si mesmos, sabendo que poderão resolver eventuais problemas técnicos sem precisar pedir ajuda nem “pagar mico” diante de seus alunos.

As oficinas são realizadas com dinâmicas descritas passo a passo. Representam um estímulo à reflexão e à colaboração, um aprendizado a ser e a conviver. Possuem cinco características:

1. Estimulam os participantes a refletir individualmente, para depois compartilhar as próprias idéias com o grupo, identificando consensos e valorizando diferenças. Isto é: aprender consi-

go mesmo e aprender a ouvir o outro, atenta e respeitosamente.

2. Incentivam a cooperação entre pessoas diferentes, mostrando como é enriquecedor conviver com a diversidade.

3. Criam um ambiente propício à experimentação, onde o erro é admitido e usado como fonte de aprendizagem e de reflexão.

4. Estimulam os participantes a melhor estruturar suas idéias, expressando-se oralmente com clareza e objetividade.

5. Representam um desafio à criatividade.

Para terminar, deixamos uma observação quanto ao uso do tempo, em que cada hora, cada minuto, é uma oportunidade de crescimento e de aperfeiçoamento, tanto pessoal quanto coletivo. Relaciona a própria aprendizagem com a responsabilidade pelo manejo do tempo em que ela se dá. Na escola básica, atraso de alunos não é admitido; na vida adulta, chegar meia hora mais tarde

a um compromisso é considerado aceitável. Uma forma simpática de ir mudando esse traço cultural é começar as oficinas pontualmente, mesmo com poucas pessoas presentes, planejando-as de modo que a perda da abertura não interfira no entendimento da dinâmica geral daquele dia. É um modo sutil de tolerar aqueles 10 a 15 minutos de atraso, mas suficientemente constrangedor para os retardatários. O atrasado procurará ser pontual na próxima vez.

Uma experiência leva a outras. Atualmente, o CECIP vem desenvolvendo, com alunos e professores, o projeto Do Giz ao Pixel – Ampliando o Leque da Sala de Aula, em que são usadas câmeras fotográficas digitais simples, cujas gravações são editadas usando o programa Movie Maker. Com essa experiência, caem barreiras hierárquicas, burocráticas e geracionais, permitindo um novo diálogo, com base na crítica dos trabalhos realizados e no debate sobre as infinitas possibilidades que o uso dessa linguagem abre para as escolas.

O CECIP foi fundado em 1986 por um grupo de profissionais, entre eles Paulo Freire, presidente de honra, preocupados em proporcionar à população informações de qualidade sobre seus direitos. Enquanto a TV Maxambomba, seu projeto de TV Popular, apresentava em praças públicas os programas criados com os moradores da Baixada Fluminense, o CECIP produzia documentários com televisões européias (BBC, Channel 4, Canal Plus, ZDF, ARTE). O crescente trabalho com a escola levou o CECIP a desenvolver conjuntos de materiais educativos e a atuar na formação de agentes de mudança.

As linhas de ação do CECIP compreendem:

- 1) produção de materiais educativos;
- 2) capacitação, apoio a escolas e formação de agentes de mudança;
- 3) mobilização social e campanhas de interesse público;
- 4) realização de documentários e filmes para TV e cinema e
- 5) consultoria.



A Educomunicação no Bairro-Escola: fortalecendo o território e a comunidade local



A Associação Cidade Escola Aprendiz é um laboratório de pedagogia comunitária que promove o conceito de bairro-escola, cujo objetivo é integrar os diversos potenciais educativos de uma comunidade (seus espaços, pessoas, instituições e iniciativas) em uma rede que busca garantir condições para o desenvolvimento integral do território e dos sujeitos, especialmente das crianças e jovens.

O Aprendiz nasceu como mídia: um site (www.aprendiz.org.br) com função inicial de disseminar temas relacionados à educação para a cidadania, oferecendo-se como uma redação-escola para estudantes de instituições educacionais públicas e privadas.

Esse primeiro programa deu origem a uma série de projetos do Aprendiz, que têm em comum a convicção de que a sociedade da informação exige a formação dos sujeitos em mídia e que não é mais possível separar a reflexão sobre a educação da reflexão acerca da comunicação.

No entanto, as inovações da educomunica-

ção não se restringem à união de duas áreas do conhecimento: trazem, sobretudo, novos modelos de relação, de convivência e de concepção de ensino/aprendizagem. A prática educomunicativa exige - pela natureza do paradigma que a sustenta - uma modificação no modelo cristalizado da relação entre professor e aluno: não há mais lugar para um transmissor ativo e um receptor passivo de informações. Nessa perspectiva, torna-se obsoleta e ineficiente o que Paulo Freire chamou criticamente de "educação bancária", na qual os professores (emissores) "depositam" o conhecimento nos alunos (receptores), e o mesmo conhecimento deve ser reproduzido em provas e testes. Como sabemos, para Freire, "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (Freire, 1979, p. 69). Dessa forma, necessariamente, a relação educador-educando torna-se um processo comunicativo de ida e volta, no qual o educador tanto ensina como aprende. A comunicação é,



portanto, a base de uma educação emancipadora.

Desse modo, o lugar da escola é transformado. A instituição escolar, caracterizada historicamente pelo ensino diretivo, vertical e hierarquizado, começa a perder o monopólio educativo (Orozco, 1997), na medida em que outras instâncias culturais, parte inerente da vida dos estudantes, se apropriam de temas e metodologias que o ensino formal ainda ignora ou insiste em não valorizar. Torna-se urgente o reconhecimento de que a educação acontece também fora das salas de aula, como defendeu Freinet: “As técnicas tradicionais [de ensino] são isoladas da vida e todos os alunos se desinteressam. Precisamos restabelecer o circuito para ligar a escola à realidade.” (www.freinet.org.br)

Trata-se, portanto, de promover o ensino atrelado à vida. O conceito de bairro-escola, que norteia as práticas da Cidade-Escola Aprendiz, traduz justamente essa transposição: é possível aprender em qualquer lugar, com toda a comunidade e por toda a vida. Somente ao aprender pela experiência temos cidadãos verdadeiramente engajados com o conhecimento, com consciência de si, da sua responsabilidade na escola, no bairro, na sua cidade; dotados de, mais do que informação, autonomia para buscá-la.

É nessa perspectiva, e como resultado de dez anos de experiências que atrelam a construção de conhecimento à reflexão e ação sobre a realidade local, que se insere a Agência Comunitária de Notícias de Pinheiros (www.agenciacomnoticias.org.br).

O projeto tem como propósito fortalecer a comunicação local, ampliando o acesso à informação e fortalecendo a possibilidade dos sujeitos serem produtores desse processo. A agência tem buscado reunir as informações produzidas nas instituições do bairro e veicular notícias de interesse local a partir dos diversos meios disponíveis. A produção é feita por 20 jovens comunicadores - estudantes das escolas do bairro de Pinheiros, em São Paulo - que aprendem a desenvolver um novo olhar sobre o bairro e a buscar notícias locais com a mediação de jornalistas profissionais. Simultaneamente à formação, os jovens são responsáveis pela produção de conteúdos e pelo desenvolvimento de diferentes mídias como site, rádio, vídeo, entre outros.

Paralelamente à atuação com os jovens, o projeto trabalha com as instituições de ensino do território. Além de garantir um espaço no site dedicado aos blogs das escolas, o projeto entende ser necessário criar a demanda da comunidade escolar por comunicação, para que a mesma possa participar ativamente do processo e incorporar seus valores. Para tanto, o programa oferece formação em educomunicação para os professores e estudantes do 6º ao 9º ano, que descobrem formas de utilizar a comunicação como ferramenta de ensino e interação dentro e fora da sala de aula.

Fica claro, portanto, que existe aqui uma preocupação em construir uma comunidade de interesse em torno da educação. Essa comunidade, formada tanto por pessoas quanto por institui-



MUITOS SÃO OS LUGARES
PARA APRENDER

ções, caracteriza-se por um forte potencial de conectividade: o intuito é utilizar os meios para criar e fortalecer relações dentro e fora da comunidade, promovendo a um só tempo o desenvolvimento individual, coletivo e do território, ou seja, o desenvolvimento local integral entendido como algo que pode ser alcançado e construído pela própria comunidade.

A comunicação comunitária torna-se assim um instrumento do bairro-escola: produz, pela mobilização de agentes locais, informações de interesse do bairro; atua pelo princípio da multiplicidade, promovendo a participação de escolas, ONGs, estudantes e população; atua em rede na gestão de parcerias e fomenta o olhar co-responsável para o bairro, contribuindo com a construção da identidade do território e estimulando o espírito de pertencimento.

A Agência Comunitária de Notícias está sendo disseminada através do projeto “Mudando sua escola e comunidade”, parceria da Rede CEP com o UNICEF que envolve cinco capitais brasileiras. Em São Paulo, o projeto está sendo implementado pelo Aprendiz em parceria com a Revista Viração como parte das estratégias do programa Plataformas Urbanas do UNICEF.



ATIVIDADE ARTÍSTICA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 4. ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KAPLUN, M. “Mini-autobiografia”. *Boletim Alaic*, n° 7-8, 1993.

MEDEIROS FILHO, B. & GALIANO, M. B. *Bairro-escola: Uma nova geografia do aprendizado. A tecnologia da Cidade Escola Aprendiz para integrar escola e comunidade*. São Paulo: Tempo D’Imagem, 2005.

OROZCO GOMEZ, G. “Uma pedagogia para os meios de comunicação”. In: *Revista Comunicação & Educação*, n° 12, ECA-USP, São Paulo, Editora Moderna, 1997.

LINKS:

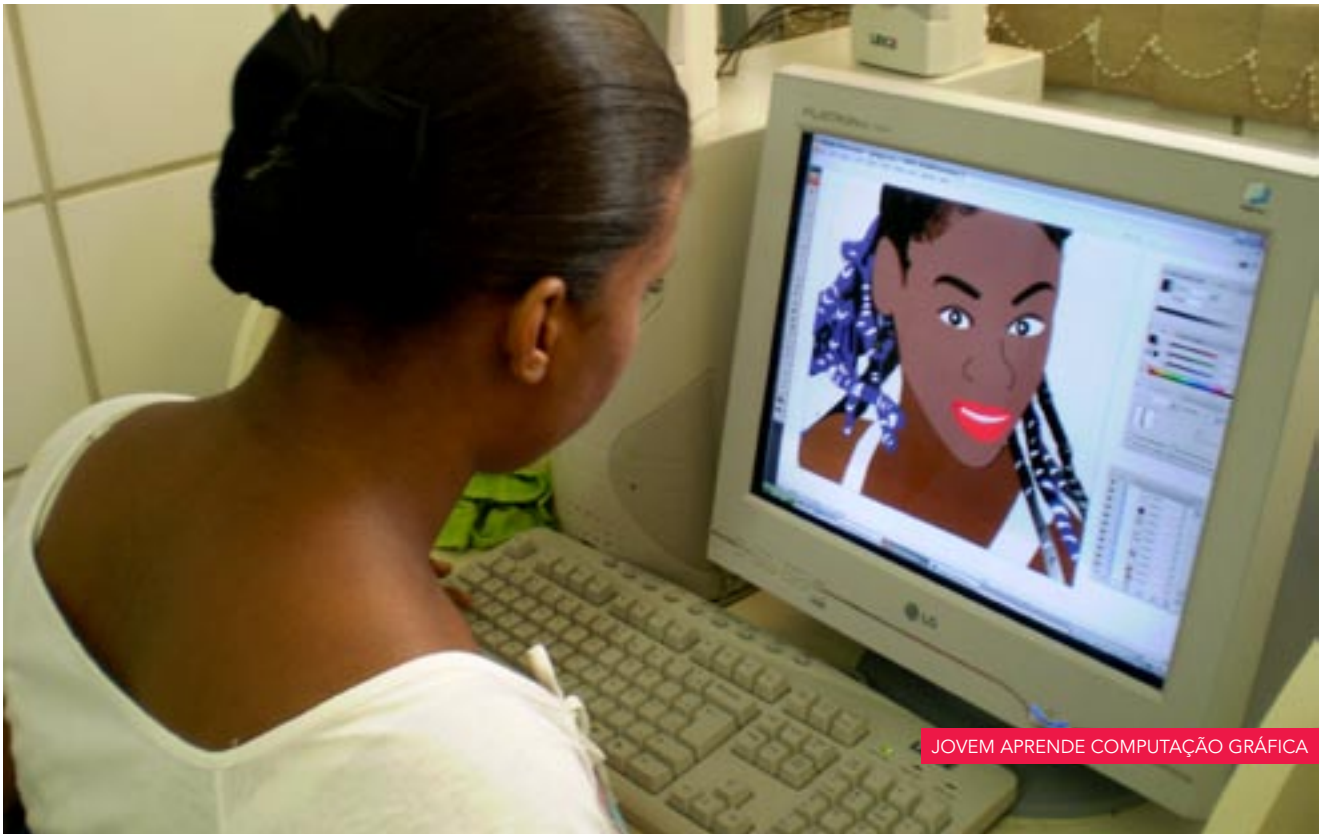
www.aprendiz.org.br

www.freinet.org.br

www.oldnet.com.br



Escola Interativa: para *transver* a Educação



O poeta Manoel de Barros, em seu poema *As lições de R.Q.*, afirma categórico: “o olho vê, a lembrança revê, a imaginação *transvê*. É preciso *transver* o mundo”. Exercitar esse verbo imaginário e cunhado por Barros para explicar como concretizar o mundo e os sonhos é o desafio da Cipó – Comunicação Interativa com a educação pela comunicação. Acreditamos que, utilizando a comunicação de forma democrática, participativa e educativa, crianças, adolescentes e jovens podem criar produtos capazes de *transver* o mundo, cujos conteúdo e processo de elaboração conferem um outro sentido à sua própria história, da sua comunidade, cidade ou país.

A Cipó é uma associação civil sem fins lucrativos atuante na Bahia há nove anos e tem a educação pela comunicação em seu DNA. A metodologia propõe um novo enfoque sobre o processo de ensino-aprendizagem, em que os educandos participam ativamente da produção de peças de comunicação que, uma vez disseminadas, geram novos processos de educação e mobilização social.

Funcionamos como um laboratório pedagógico no qual criamos, testamos, avaliamos e sistematizamos algumas formas de trabalhar a educa-

ção pela comunicação. Nós já sistematizamos:

Escola Interativa: abordagem da educação pela comunicação no ensino formal.

Estúdio Aprendiz: utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para promover a inserção de jovens no mundo do trabalho, via Lei da Aprendizagem (Lei n. 10.097/00).

Sou de Atitude: uso da comunicação para a participação política de crianças, adolescentes e jovens e monitoramento e incidência nas políticas públicas.

Comunicação para a garantia de direitos: qualificação da mídia e das organizações sociais para o uso da comunicação em prol da garantia dos direitos infanto-juvenis. Em parceria com a Rede Andi Brasil.

Comunicação para organizações da sociedade civil: incorporação da comunicação como estratégia para promover o fortalecimento institucional e a ampliação do impacto de organizações sociais.

O Cidadão de Papel: utilização do teatro para promover a mobilização da sociedade em torno de temas relacionados a direitos humanos e cidadania.

PROGRAMA ESCOLA INTERATIVA

O desejo de contribuir com a melhoria da educação levou a Cipó a arriscar-se na complexa, porém gratificante, tarefa de adotar a educação pela comunicação na escola pública. O desafio era tornar essa metodologia, até então experimentada em processos não formais de ensino, uma ferramenta pedagógica capaz de colaborar para a qualificação da educação pública, permitindo que estudantes, professoras(es) e gestoras(es) se apropriassem da comunicação e a utilizassem de forma transversal ao currículo. Essa experiência deu forma ao programa Escola Interativa, até hoje executado e reinventado pela Cipó.

Tudo começou, em 2000, com a adesão de cinco escolas. No ano seguinte, após muitas experimentações e resultados, a primeira conquista: passamos a integrar o Fórum de Parceiros da Secretaria Municipal de Educação de Salvador- SMEC. Nos anos de 2002 e 2003, ampliamos nossa ação nas escolas e lançamos o Guia Interativo Escola com Sabor (www.cipo.org.br/escolacomsabor), site de divulgação e mobilização da proposta pedagógica.

Em 2004, o Escola Interativa focou no protagonismo estudantil, formando lideranças em três níveis: representantes de turma, lideranças de grêmios estudantis e conselheiros escolares. No final do ano, três ações desenvolvidas por adolescentes em escolas públicas municipais foram premiadas. Os resultados alcançados foram avaliados, sistematizados e disseminados por meio da Coletânea Escola Interativa, lançada no mesmo ano e formada por um guia metodológico, um guia de atividades e um vídeo de caráter mobilizador. No mesmo ano, concebemos e executamos o Programa de Educação pela Comunicação – PEC, formando educadores de diversas organizações sociais na metodologia da educação pela comunicação.

A partir de 2006, concentramos o foco de atuação da Cipó em algumas comunidades específicas, levando o Escola Interativa para quatro escolas do Subúrbio Ferroviário de Salvador e outras quatro da Região Metropolitana, nos municípios de Dias D'Ávila e Camaçari. Começamos também a desenvolver e experimentar um método de estímulo à participação infantil, no qual a produção de comunicação dentro das escolas aborda o direito das crianças à participação comunitária, social e política.

Após oito anos de atuação, os aprendizados e desafios foram muitos e refletem as dificuldades do ensino público no Brasil: falta de estrutura das escolas, descontinuidade do projeto pedagógico com a mudança de direção, saída de professoras(es) já mobilizadas(os), mudanças de governo e de profissionais à frente das secretarias de educação e, sobretudo, a incansável necessidade de reafirmar a metodologia da educação pela comunicação como uma possibilidade real de transformação do ambiente escolar e da comunidade em seu entorno.

PARA TRANSVER A ESCOLA

Todo o aprendizado acumulado em nove anos de experimentações e reflexões com a educação pela comunicação, em processos formais ou não formais de ensino, reforça na Cipó a certeza do potencial dessa metodologia para o desenvolvimento pessoal, social e político de crianças, adolescentes e jovens. No entanto, a experiência do Escola Interativa nos traz uma certeza: apenas incorporada como política pública a educação pela comunicação poderá ser exercida em toda sua potencialidade, gerando impactos significativos nos índices educacionais.

Nesse sentido, a Cipó vem realizando uma série de ações de incidência junto ao poder público, sempre em parceria com outros atores estratégicos, como a Rede CEP. Promovemos e/ou participamos de fóruns e articulações para monitorar, avaliar e propor programas e ações que colaborem para a melhoria do ensino público. Além da Secretaria Municipal de Educação de Salvador, mantemos diálogo com a Secretaria Estadual de Educação da Bahia a fim de contribuir com a implementação da educação pela comunicação no ensino médio.

Como Manoel de Barros, queremos que todas as crianças, adolescentes e jovens tenham a oportunidade de transver o mundo através da escola, dando a ela um outro sentido: acolhedor, desafiador, criativo e importante na construção dos sonhos, da realidade e do seu projeto de vida.





ALUNA DA ESCOLA KABUM FOTOGRAFANDO

ALGUNS RESULTADOS CIPÓ 1999 - 2007

Formação - 7.127 crianças, adolescentes e jovens, 1.467 educadores e 3.224 atores sociais

Mobilização - 119 escolas, 126 veículos de comunicação, 6 universidades e 160 empresas.

Produção - 377 peças de mídia feitas com crianças, adolescentes e jovens.

Ação política - 86 monitoramentos de políticas públicas, 27 ações de incidência promovidas com jovens

O PROGRAMA ESCOLA INTERATIVA É ESTRUTURADO DA SEGUINTE FORMA:

Etapa I - Identificação da escola; sensibilização da comunidade escolar; adesão dos interessados; montagem da proposta de acordo com o planejamento pedagógico da escola.

Etapa II - Montagem do Núcleo Interativo, formado por estudantes e professoras(es); elaboração do plano de implementação do projeto educativo.

Etapa III - Execução de formações para e com os membros do Núcleo Interativo e da escola em educação pela comunicação e linguagens de mídia.

Etapa IV - Mostra dos produtos realizados; elaboração de estratégias para envolver famílias e comunidade.



Luz, Câmera... Paz! nas Unidades

"Todos falam da violência das águas que tudo carregam pela frente. Mas ninguém diz nada sobre a violência das margens que as comprimem."

Bertold Brecht

Meses e meses sem ver a família, os amigos. Longe de tudo o que até então se entendia como vida. Até então...

Cedo demais, muitos adolescentes enfrentam problemas com a justiça. Vão parar em centros de socioeducação e perdem a liberdade antes mesmo de conquistá-la. A maioria vítima de uma violência precoce, que começa ainda na infância e acaba potencializada na puberdade. Realidade dura! Realidade ÚNICA conhecida por quase todos os meninos e meninas em privação de liberdade. Alguns deles participaram do projeto Luz, Câmera...Paz! nas Unidades e, assim, tiveram a oportunidade de manusear uma câmera fotográfica, de escrever algo sobre si mesmos e de ser protagonistas do próprio filme, do próprio roteiro.

Muitos se mostraram pela primeira vez! Muitos foram vistos, ouvidos e percebidos pela primeira vez!

Um resgate de auto-estima, de cidadania, de valores humanos. Um resgate de vida! De algo a mais do que - até então - se entendia como vida.

OS ADOLESCENTES

Filhos de Josés, Marias, Antônias... Comportamento adolescente como o de qualquer pessoa que já passou dos doze, mas que ainda não chegou aos 18.

Mas os meninos e meninas que participaram do "Luz, Câmera...Paz! nas Unidades" carregam cicatrizes profundas. Cometeram ato infracional e estavam em regime de privação de liberdade na época em que o projeto foi desenvolvido. Os motivos que os levaram a esse destino foram os mais diversos: furto, roubo, tráfico de drogas, homicídio, seqüestro e latrocínio. Eles podem ficar entre seis meses e três anos privados da liberdade. Há muitos casos de reincidência.

Os jovens, internados na capital, vêm de diferentes cidades do Paraná. A maioria não completou o ensino fundamental e todos são de famílias com baixa renda.

Esse perfil se repete nas outras unidades de privação de liberdade. Mas são adolescentes que,



apesar do envolvimento com a violência, podem se transformar em agentes da cultura da paz, como todos os outros filhos de Josés, Marias e Antonias.

O PROJETO

O ambiente é fechado, com grades e câmeras de segurança. Mas a educomunicação quebra essa rotina. Permite falar do que quase não se fala.

Uma vez por semana, os educadores do projeto Luz, Câmera...Paz! nas Unidades aplicavam oficinas de educomunicação no Joana Miguel Richa, centro de socioeducação feminino localizado na capital paranaense, e no São Francisco e no Fazenda Rio Grande, centros de internamento masculino localizados em Piraquara e em Fazenda Rio Grande, Região Metropolitana de Curitiba.

Pelos pátios, nos refeitórios, adolescentes privados de liberdade eram livres para refletir, discutir e opinar sobre a realidade em que se encontravam. Estimulados e orientados pelos educadores, aprendiam técnicas de comunicação e como aplicá-las para expressar o que pensavam e sentiam. Aos poucos, a timidez e a desconfiança ficavam de lado e a "liberdade" se refletia na produção de fanzines repletos de textos e ilustrações, jornais murais com matérias, desenhos e fotografias, além de vídeos, numa linguagem próxima do documentário, que abordavam o cotidiano e as reflexões feitas por eles.

Todas as discussões e decisões, desde os temas das pautas até os cortes das edições, eram fei-



tas pelos adolescentes, que assumiam o papel de protagonistas do processo.

Como resultado, o resgate das perspectivas de vida desses adolescentes: carreira, família, estudos, sonhos. Por meio das discussões, eles projetavam o futuro, a vida, depois de cumprirem as medidas socioeducativas em regime fechado.

E tudo isso foi parar na tela do cinema. Nas duas etapas do projeto (entre 2004 e 2005 e entre 2007 e 2008), os vídeos foram exibidos a convidados na Cinemateca de Curitiba. Na última delas, em julho de 2008, havia na platéia alguém especial: um dos jovens que fez parte do projeto Luz, Câmera...Paz! nas Unidades. Poucos sabiam quem era ele. Apenas os educadores da Ciranda, ONG que desenvolve o projeto, notaram a emoção nos olhos do garoto quando ele se percebeu na grande tela do cinema.

A EDUCOMUNICAÇÃO

Seja pela lente de uma câmera, pela ponta de um lápis ou pela simples troca de palavras, a comunicação é um poderoso meio que desperta um novo olhar para a sociedade. Ela instiga os adolescentes a pensar e a expor suas opiniões.

A proposta do Projeto Luz, Câmera...Paz! nas Unidades é estimular os adolescentes em conflito com a lei a refletir sobre suas vidas e a se tornar agentes de transformação, resgatando a auto-estima.

Para isso, a Ciranda criou um material de apoio, com os assuntos debatidos nas oficinas semanais, enfocando os temas escolhidos por eles: o uso de drogas e a sexualidade.

Durante as oficinas, os adolescentes eram orientados sobre as técnicas de comunicação e despertados para a leitura crítica da mídia.

A TRANSFORMAÇÃO

“Às vezes a história de um adolescente pode ajudar os outros. O jornalista tem de conhecer melhor essas histórias, saber quais são as condições desse adolescente e tem de ouvir o que ele pensa. E, ainda, tentar passar para os outros que, se tiver condições, ele vai mudar. Que a sociedade tem de receber a gente de volta, e não ficar só julgando”.
(P., menina de 15 anos)

O projeto proporcionou, na mídia, visibilidade aos temas ligados a medidas socioeducativas. A sociedade passou a prestar mais atenção em como essas medidas são executadas nos CENSES (Centros de Sócioeducação). As ações também serviram como argumentação contra a redução da maioria penal em vários debates.

O projeto teve boa repercussão na mídia. Jornalistas de veículos de comunicação de Curitiba contribuíram, assim, para expandir a cobertura jornalística sobre temas como: jovens em conflito com a lei, violência, cultura da paz, Estatuto da Criança e do Adolescente e maioria penal.

Com isso, a sociedade também pôde debater e refletir sobre esses temas e, ainda, participar de palestras e de seminários, como o da Exploração Sexual na Tríplice Fronteira, para jornalistas brasileiros, paraguaios e argentinos em Foz do Iguaçu (PR), em 2005, entre outros.

“Agora que eu estou aqui, as coisas parecem mais fáceis. Mas quando eu chegar lá fora, sei que as coisas se tornarão mais difíceis, pela discriminação e pelas condições de nossas famílias. Então a sociedade podia tentar ajudar, vendo o motivo que nos levou a estar nessa situação.”
(D., 18 anos)

A CIRANDA

O projeto Luz, Câmera... Paz! nas Unidades é desenvolvido pela Ciranda – Central de Notícias da Infância e Adolescência. Em seus dez anos de atuação, a ONG promove os direitos de meninos e meninas, pela educação e pelo jornalismo socialmente responsável. Com sede em Curitiba, no Paraná, a Ciranda compõe a Rede CEP, a Rede Viração e a Rede ANDI Brasil de comunicadores pela infância. Seus projetos beneficiam, em média, mil crianças e adolescentes por ano e ajudam a multiplicar idéias a cerca de 300 educadores.

Além de promover a sócioeducação nos CENSEs paranaenses, o projeto Luz, Câmera... Paz!, também é desenvolvido em escolas públicas de Curitiba e Região Metropolitana, como forma de promoção e de disseminação da cultura da paz.



ELABORAÇÃO DE IMPRESSOS PELOS ADOLESCENTES



Programa Jornal Escola



SÓCIAS DO CLUBE DO JORNAL
DISTRIBUINDO A PUBLICAÇÃO

Na história da educação, o jornal escolar está identificado com a vida e a obra do educador francês Célestin Freinet (1896-1966), que levou a publicação de jornais para o coração da sala de aula. Em 1927, Freinet publicou o livro *A Imprensa na Escola*, que constitui ainda hoje referência indiscutível para quem quer utilizar esse recurso.

O valor do jornal escolar está no fato de propiciar ao aluno a oportunidade de expressar seus pensamentos e sentimentos, pondo em jogo sua capacidade de comunicação no espaço público (constituído pelos leitores – os pares, os familiares, a comunidade). A competência comunicativa serve de base para o desenvolvimento de outras, como a cidadania participativa e a decodificação crítica do papel da mídia. O jornal é, ainda, um suporte para a realização da interdisciplinaridade (pois nos textos convergem diversas áreas de conhecimento). Freinet enumera uma rica lista de vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais do jornal escolar que, infelizmente, a brevidade deste texto nos impede de resumir.

Considerando esse potencial, o Comunicação e Cultura, uma ONG fundada no Ceará em 1988, se deu como missão viabilizar a disseminação do jornal escolar nas redes públicas. Desenvolvemos, para tanto, o Programa Jornal Escola, que publica jornais adaptados à especificidade dos anos iniciais do ensino fundamental, aos anos finais e do ensino médio. Cada escola tem seu próprio jornal e, às vezes, dois, três ou mesmo quatro (um jornal para os anos iniciais do turno da manhã, outro para os anos iniciais do turno da tarde etc.). Em 1999, a iniciativa nos valeu o Prêmio Itaú UNICEF Educação & Participação.

Nos anos iniciais, o Comunicação e Cultura apóia, através do projeto Primeiras Letras, a produção de jornais que veiculam textos e desenhos produzidos exclusivamente em sala de aula. As publicações estão, portanto, estreitamente vinculadas à missão alfabetizadora da escola. Nesse segmento, nossa ação está direcionada a fazer com que a secretaria de educação adquira as competências necessárias à gestão pedagógica do jor-



nal escolar na sua rede (integração com outras atividades, inclusive de capacitação de professores, acompanhamento e monitoria etc.)

Nos anos iniciais do ensino fundamental (Projeto Fala Escola), há uma grande variedade de formas de apropriação do jornal: textos produzidos em sala de aula, extraclasse e mesmo “produção independente” dos alunos; atividade de turno ou turno complementar (escola integral) etc. O jornal escolar se adapta à grande diversidade constitutiva dos anos finais do ensino fundamental, quando os alunos ainda navegam entre o “ser criança” e o “ser adolescente”, situação definida pela expressão híbrida “pré-adolescência”. Em alguns momentos o que vale é a busca de autonomia, em outros é a necessidade de apoio e respaldo do professor. A metodologia permite a adaptação flexível a essas realidades. Sem descuidar da busca por competências comunicativas, o foco do jornal passa a ser a cidadania participativa do aluno. No Fala Escola, capacitamos tanto professores como os pré-adolescentes.

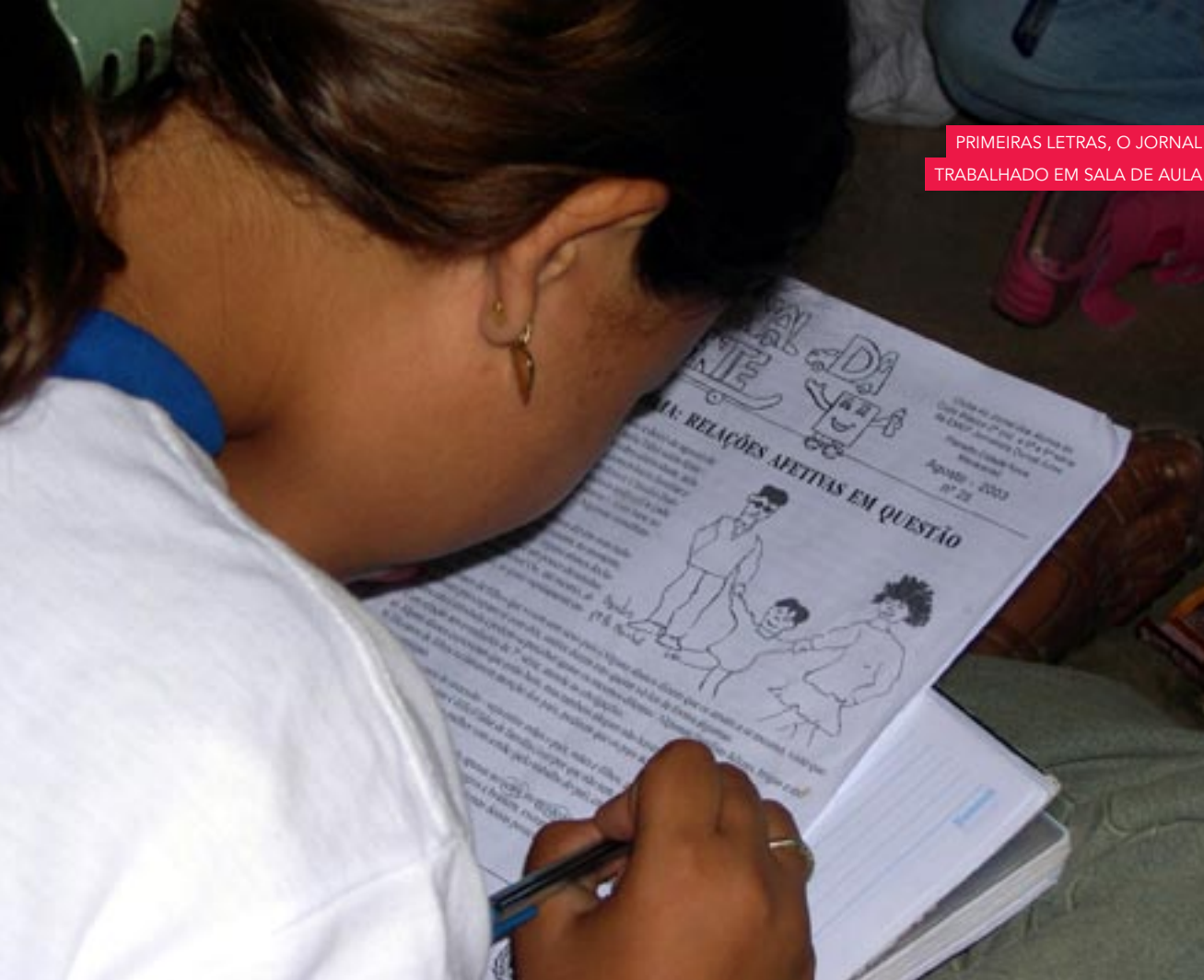
O Clube do Jornal, direcionado para o ensino médio, parte de um princípio diferente, pois publica jornais estudantis independentes, que circulam sem revisão de professores ou da direção da escola. O objetivo é fazer da liberdade de expressão juvenil um fator de renovação do ensino médio. A proposta atrela a possibilidade de solução das muitas dificuldades pelas quais passam as escolas desse nível à consideração do aluno como

um sujeito pleno. Daí decorreria a possibilidade do aluno identificar na escola uma parte de si e não, como acontece hoje, uma exterioridade imposta pelo mundo adulto. No Clube do Jornal, trabalhamos exclusivamente com os adolescentes editores, que são formados para o exercício ético e positivo da comunicação, visando a mudança da cultura escolar e a educação entre pares.

Essas três iniciativas – que estão enveredando para a interface com a internet – estão atualmente implantadas em um conjunto de quase 1.000 escolas, de 79 secretarias de educação em cinco estados (Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Bahia e São Paulo).

Participar do jornal escolar (ou estudantil) constitui uma experiência que mobiliza o interesse do educando. Esses dois conceitos são reconhecidos como mediações fundamentais no processo de aprendizagem desde a Escola Nova, no início do século passado. Um reflexo psicológico espontâneo predispõe o aluno que participa do jornal para a aprendizagem, sobretudo se ele tem a possibilidade de falar da sua vida, do seu mundo, de seus interesses e pontos de vista.

Decorre dessa simplicidade que implantar o jornal nas redes escolares seja uma coisa fácil de acontecer? De jeito nenhum, infelizmente. O que é fácil e simples para um professor consciente, na sua sala, ou para uma escola mobilizada e bem dirigida, torna-se trabalhoso nas redes escolares, que são afetadas por inércias, resistências e falhas



de gerenciamento e avaliação, para citar algumas das dificuldades.

Sabendo disso, o Comunicação e Cultura situou seu campo de ação nas redes escolares (só fazemos parcerias com secretarias, para atender a um conjunto de escolas) de modo que houvesse uma aprendizagem em termos de gestão pedagógica e administrativa, para permitir a universalização do jornal escolar.

Para começar, garantimos a impressão dos jornais, com qualidade e um exemplar por aluno, para todas as escolas, independentemente do estado onde se situam. Dessa maneira, cortamos o circuito de frustrações que vivem as escolas que querem publicar jornais e não conseguem fazê-lo por questões logísticas. Resolvida essa questão, equacionamos, com ajuda de parceiros, uma proposta de co-financiamento que torna compatível o custo de participação com os recursos que as secretarias de educação dispõem.

Sobre essa base prática se constroem as propostas de gestão pedagógica do jornal escolar para cada um dos níveis e “tipos” de jornais citados, que estão orientadas por paradigmas de integração (com os Planos Políticos Pedagógicos e o planejamento operacional de escolas e secretarias), de simplicidade (jornal como ferramenta, mobilização de conhecimentos existentes e processos de auto-aprendizagem) e de rigor de acompanhamento. Nesse último sentido, seguimos Freinet no sentido de considerar o jornal como um “relatório” da

escola. Diversos dados são monitorados através da análise de conteúdo – por exemplo, professores dos anos iniciais que não trabalham a escrita – e retornados para os sistemas de acompanhamento das secretarias de educação, de modo que elas possam focalizar capacitação e monitoria.

Essa visão sistêmica permite construir o caminho para a disseminação nas escolas do Nordeste, em uma primeira etapa. Nesse caminhar vai se constituindo a Rede Jornal Escola, a estrutura de diálogo e intercâmbio de experiências entre os atores do processo, que constitui o alicerce da sustentabilidade e do desenvolvimento pedagógico.

Escolas atendidas com o Primeiras Letras (anos iniciais do ensino fundamental): 933

Escolas atendidas com o Fala Escola (anos finais do ensino fundamental): 333

Escolas atendidas com o Clube do Jornal (ensino médio): 34

Número de secretarias de educação parceiras: 79

Estados onde atuamos: Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia e São Paulo

Principais apoiadores: Instituto C&A, UNESCO, UNICEF, BNDES, Oi Futuro, Undime

Em andamento desde: 1995 (Clube do Jornal), 1998 (Primeiras Letras) e 2008 (Fala Escola)



Educomunicação no Sertão da Bahia



JOVENS DE COMUNIDADES RURAIS
COLOCAM SUA RÁDIO NO AR
DURANTE O RECREIO

O Movimento de Organização Comunitária – MOC é uma organização não-governamental sediada em Feira de Santana, Bahia, que atua há mais de 40 anos na promoção do desenvolvimento sustentável do semi-árido baiano. A proposta pedagógica do MOC realiza-se através de sete programas inter-relacionados: Água e Segurança Alimentar, Comunicação, Criança e Adolescente, Educação do Campo, Fortalecimento da Agricultura Familiar, Gênero e Políticas Públicas. O trabalho da entidade se caracteriza por uma metodologia em que todos são considerados sujeitos da ação. Por isso, reflete criticamente com as pessoas, valores, tradições e culturas, ao passo que busca promover os indivíduos e as organizações como aptos a conhecer e produzir conhecimento, acreditando na sua capacidade de mudar a si mesmos e a realidade.

O Programa de Comunicação do MOC, desde 2005, atua em três áreas estratégicas: a assessoria e qualificação da imprensa na cobertura de

temas relacionados ao desenvolvimento sustentável do semi-árido; a comunicação comunitária nos Territórios Rurais do Sisal e Bacia do Jacuípe, através do fortalecimento das rádios comunitárias e da formação de jovens comunicadores; e a educomunicação nas escolas do campo.

Para lidar com a realidade da educação pública, o MOC desenvolveu uma proposta de Educação do Campo, que valoriza o sujeito do semi-árido nas suas múltiplas dimensões, trabalha a conscientização e a mobilização da comunidade em torno dos problemas de desenvolvimento, e promove uma concepção integral do ensino e da aprendizagem. A luta por uma política pública de educação do campo integral é defendida pelo MOC em parceria com universidades e movimentos sociais. Como resultado, 19 municípios da região já implementaram a metodologia do CAT – Conhecer, Analisar e Transformar a Realidade do Campo, além de projetos como o Baú de Leitura e de Educomunicação no Campo.



NOVAS MANEIRAS DE PENSAR E FAZER MÍDIA

O trabalho de educomunicação em escolas do campo da Região Sisaleira começou a ser desenvolvido de forma sistemática em 2006, ano em que deixou de acontecer nos espaços da Jornada Ampliada do PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, passando a ser desenvolvido em escolas do campo da rede municipal, participantes do projeto CAT nos municípios de Conceição do Coité, Valente e Retirolândia.

Desde então, entendendo que a educomunicação é um dos caminhos que possibilitam o debate sobre a democratização da comunicação e o acesso aos meios, 58 pessoas, entre educadores e coordenadores, participam de oficinas de qualificação em práticas de produção e leitura de mídia nas linguagens de rádio e jornal. Como resultado dessa formação, os educadores desenvolveram nas salas de aula programas de rádio e boletins impressos.

Os conteúdos das peças produzidas por crianças e adolescentes do semi-árido abordam a realidade local e buscam estratégias de intervenção nas políticas públicas locais. Desse modo, ao mesmo tempo em que permite ao aluno tornar-se protagonista de sua história, através desse processo de pensar e fazer mídia, a metodologia de educomunicação no campo tem contribuído para a democratização da comunicação de uma região onde o acesso a meios diversificados é um caminho a ser trilhado.

RESULTADOS ESTIMULAM SECRETARIA A UNIVERSALIZAR A PROPOSTA

Hoje, em seis escolas rurais do município de Valente, o horário do intervalo entre as aulas – o chamado “recreio” – é o mais esperado pelos alunos. São nesses momentos que vão ao ar as rádios-escola protagonizadas pelos próprios estudantes e que abordam notícias do ambiente escolar, da vida cotidiana das comunidades rurais, e expõem todo o talento e a desenvoltura dos meninos e meninas do sertão. O papel deles como “radialistas” faz despertar nos alunos o interesse pelos bastidores das emissoras de rádio da região, que passaram a ser acompanhados de perto por eles. Descobrem como se monta um programa, como pautas são levantadas e apuradas e quais os formatos que podem ser usados no rádio.

Esse despertar comunicativo das crianças do semi-árido vem acompanhado, na avaliação dos seus educadores, de melhorias no processo de ensino-aprendizagem. Elas são estimuladas na leitura de jornais e boletins, hábito pouco comum nessas comunidades, e decifram de forma mais crítica os conteúdos midiáticos que chegam até as suas casas. Os alunos estão mais atentos aos programas jornalísticos e costumam levar questões veiculadas na grande mídia para a sala de aula. A inserção de veículos de comunicação e a produção de conteúdos próprios a partir dos temas tratados em sala de aula aumentaram o interesse dos alunos pelas temáticas discutidas nos veículos de



comunicação da Região Sisaleira, em especial nas rádios comunitárias, fazendo com que seus pais também escutem os programas.

Diante dos resultados dessa experiência-piloto desenvolvida pelo MOC em três escolas do campo, do 1º ao 5º ano, a Secretaria Municipal de Educação de Valente se propôs a ampliá-la para todas as escolas do município. A equipe de educação do campo do município elaborou uma proposta para o Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação – FNDE, que, uma vez aprovado, garantiu a ampliação do projeto para as cinco escolas municipais do 6º ao 9º ano. Com a mesma metodologia de capacitação feita pelo MOC, Valente vem conseguindo oferecer aos adolescentes e jovens um ensino mais participativo, democrático, com a cara e a voz daqueles e daquelas que não são pautados pelos meios de comunicação de massa. Com tudo isso, Valente hoje possui uma política de educomunicação inserida no Plano Municipal de Educação, que garante que todas as 27 escolas do campo do município desenvolvam ações nessa área.

Na avaliação da equipe pedagógica do município, além do desenvolvimento das crianças e adolescentes que têm oportunidade de entender desde cedo a comunicação como um direito humano, os educadores estão orientando a produção de fanzines, jornais-mural, boletins, vinhetas e programas de rádio que vêm mudando a educação no município.

FICHA TÉCNICA DO PROGRAMA EDUCOMUNICAÇÃO NO CAMPO

Ano inicial: 2006

Escolas: 27 no município de Valente, 14 no município de Conceição do Coité, 6 no município de Retrolândia

Comunidades inseridas: 26

Alunos envolvidos: aproximadamente 630

Educadores envolvidos: 58

Metodologia:

- Participação em espaços de formação continuada de educadores do campo para sensibilização dos mesmos;
- Encontros de planejamento, monitoramento e avaliação com os coordenadores do projeto CAT dos municípios atendidos e uma parte dos educadores envolvidos;
- Oficinas de formação em educomunicação e comunicação comunitária, voltadas para técnicas de produção de mídia em sala de aula e planejamento pedagógico de atividades educacionais;
- Dias de produção nas escolas em parceria com jovens comunicadores e comunicadores comunitários;
- Excursões das turmas escolares para espaços de comunicação comunitária;
- Edição de coletâneas da produção radiofônica das crianças para distribuição nas escolas e veiculação em rádios comunitárias.



NCE/USP: pesquisa e assessoria em políticas públicas de educomunicação



Em seu relatório de pesquisa sobre as organizações voltadas para a trilogia conceitual Comunicação/Educação/Participação, Fernando Rossetti identificou o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) pela forma como implementava, na época (2004), o programa Educomunicação pelas Ondas do Rádio (Educom.rádio). Segundo o relatório, tratava-se da ação mais visível de um conjunto de atividades que fazia do NCE/ECA/USP “a principal referência, no Brasil, no campo da pesquisa acadêmica e da disseminação da chamada Educomunicação”¹.

O que identifica o NCE no contexto da Rede CEP é, sem dúvida, o fato de haver proposto, em 1999, em decorrência de investigação desenvolvida junto a agentes culturais de 12 países da Amé-

rica Latina, que o conceito “educomunicação” passasse a designar não mais atividades pontuais e subsidiárias nas bordas dos sistemas de comunicação ou de educação, como a “leitura crítica da mídia” ou mesmo o “uso da comunicação no ensino”, mas, essencialmente, *o conjunto das ações voltadas ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e/ou fortalecer ecossistemas comunicativos abertos e criativos, em espaços educativos, formais ou não formais, mediante a gestão democrática dos recursos da informação, tendo como meta o pleno exercício da cidadania, garantido pelo reconhecimento do direito à expressão*².

O que, na verdade, a pesquisa do NCE havia constatado era o fato de que a sociedade civil construía – ao longo das últimas décadas do século XX – caminhos alternativos na interface



comunicação/educação, ao colocar na pauta das lutas sociais o direito universal à comunicação, condicionando tal direito a uma gestão democrática e participativa dos recursos da informação. Em decorrência de suas pesquisas, o NCE/USP passou a ser convidado para oferecer assessorias, especialmente a redes de ensino; o projeto Educom.rádio, por exemplo, atendeu a 11 mil cursistas (professores e alunos) de 455 escolas da rede municipal de São Paulo.

1. PROGRAMA EM “ESCALA”, SISTEMATIZAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Os resultados do trabalho do NCE/USP e seu potencial de aplicabilidade em escala podem ser observados na análise do percurso do núcleo em seus 12 anos de trabalho.

Lembramos, inicialmente, que, em novembro de 1999, o núcleo levou o conceito da educomunicação ao Ministério da Educação (MEC), mediante sua apresentação num workshop durante o encontro “Mídia e Educação”, que reuniu, em São Paulo, 150 empresários, produtores e autoridades dos campos da comunicação social e da educação de todo o país. O documento final recomendou às universidades que flexibilizassem seus currículos, possibilitando a formação do “educomunicador”³. No caso da USP, a política adotada foi a de trabalhar no campo da extensão cultural, preparando estudantes e agentes culturais para assumir a mediação de projetos como o Educom.

rádio, para cuja realização o núcleo preparou uma equipe de aproximadamente 600 mediadores, ou mesmo o Educom.TV, um projeto de educação a distância, contratado, em 2002, pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, para capacitar 2 mil professores de 1.024 escolas no domínio da linguagem audiovisual.

Entre 2005 e 2006, o MEC levou a educomunicação para os estados da região Centro-Oeste, onde o NCE/USP atendeu a mais de 2.500 membros de comunidades educativas de escolas urbanas e rurais, incluindo unidades estabelecidas em quilombos e em aldeias indígenas como a dos Xavantes, em Sangradouro, MT. Uma lei estadual do Mato Grosso garantiu, no início de 2008, a universalização da experiência para todas as escolas do estado.

Já entre 2005 e 2008, a educomunicação foi implantada na FUNDHAS – Fundação Helio Augusto de Sousa, da Prefeitura de São José dos Campos, SP, permitindo a criação, em seu espaço, do Centro de Referência em Educomunicação do Vale do Paraíba, a partir do qual 30 professores e 150 estudantes da fundação difundem o conceito para toda a região.

O contato e a colaboração entre o NCE/USP e o governo federal, no campo da educomunicação, teve continuidade, a partir de 2005, em três ações. A primeira, com o Ministério do Trabalho e Emprego (Projeto Geração Cidadã, em Embu das Artes, SP, para 2 mil adolescentes

e jovens), a segunda, com o Ministério do Meio Ambiente (workshops e assessoria para discutir o conceito de “educomunicação socioambiental”) e, finalmente, uma terceira com o MEC (programa de educação continuada Mídias na Educação, no qual foram produzidos módulos sobre o tema do rádio e oferecida tutoria para mais de 3 mil cursistas do estado de São Paulo).

No intuito de se aproximar da mídia e de levar a discussão da educomunicação para os meios massivos de difusão, o NCE associou-se ao Jornal da Tarde, do Grupo Estado, entre 2006 e 2007, para produzir 80 edições da página “Pais & Mestres”, impressas nas edições dominicais e voltadas ao tratamento educacional dos temas transversais.

Também em 2008, além de dar continuidade à parceria com o MEC, iniciada em 2006, e destinada ao desenvolvimento do curso a distância “Mídias na Educação”, o NCE ofereceu uma assessoria à Faculdade de Saúde Pública da própria USP para a formação de seus alunos no emprego da educomunicação em programas de prevenção. No final deste ano, o NCE celebrou parceria com o Ministério do Meio Ambiente, o Canal Futura, o SESC-SP e o International Institute of Journalism and Communication de Genebra, Suíça para realizar o VI Simpósio Brasileiro de Educomunicação,

contando com o apoio da Rede CEP. O tema “Meio Ambiente, Jornalismo e Educomunicação” possibilitou a promoção de diálogo e a legitimação do conceito, garantindo espaços para futuras negociações de programas e atividades.

2. PRÓXIMOS PASSOS E RELAÇÃO COM A REDE CEP

Seguindo sua trajetória, o NCE poderá colaborar com os membros da Rede CEP, divulgando pesquisas acadêmicas de interesse para o campo e discutindo metodologias de sistematização de projetos. Já na esfera das assessorias, tópicos como o da gestão da comunicação em espaços educativos e o da educomunicação socioambiental podem ser temas privilegiados em possíveis parcerias entre o NCE, a rede e secretarias de educação no desenvolvimento de programas de formação presenciais ou a distância. Um valor agregado a essas parcerias é o certificado da USP para cursos realizados conjuntamente.

O NCE abre-se também para a promoção, nos diferentes estados e cidades do país, de simpósios e congressos voltados para a educomunicação. Outro espaço em aberto é o da celebração de convênios para a criação de centros de referência em educomunicação, como ocorreu em São José dos Campos, numa parceria com a FUNDHAS.

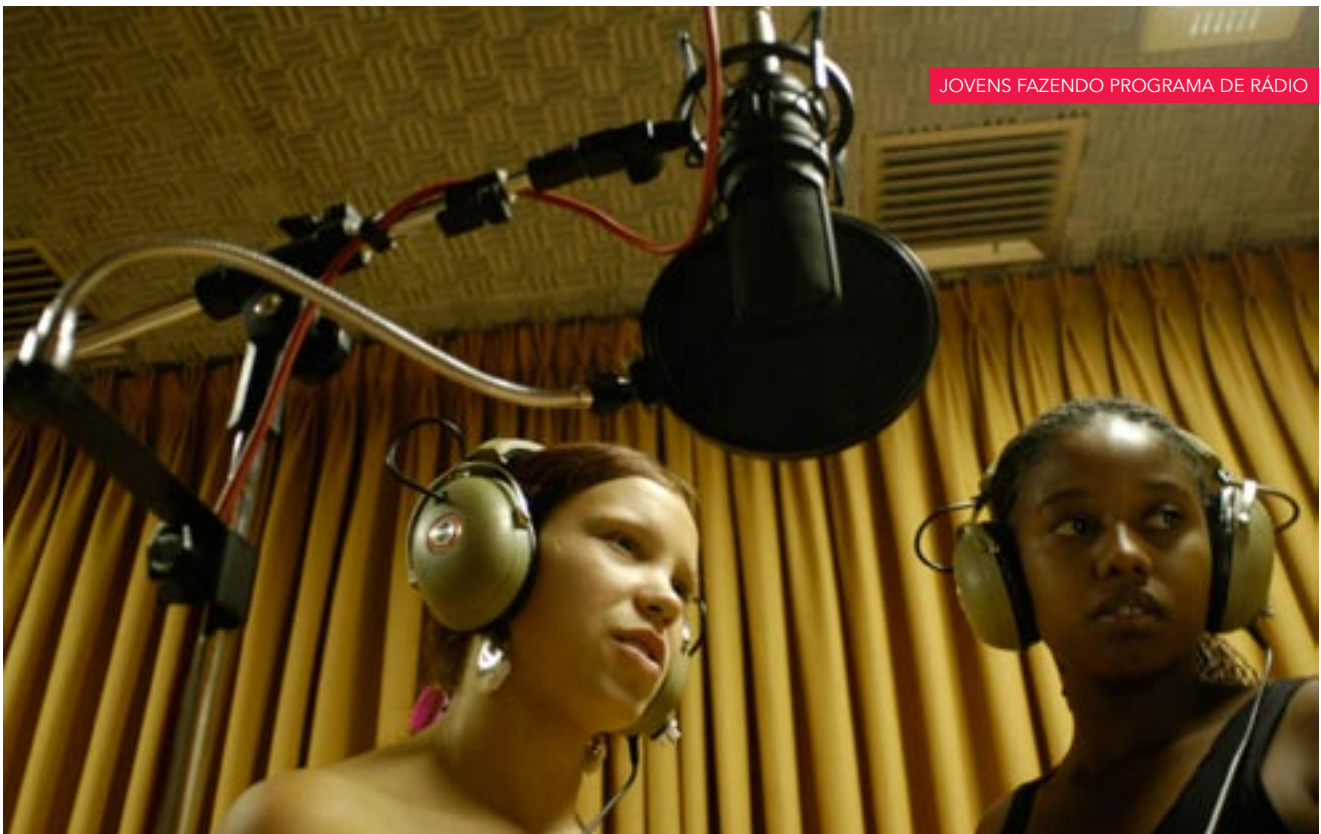
1 ROSSETTI, Fernando. *Mídia e Escola: perspectivas para políticas públicas*. São Paulo: UNICEF/Jogo da Amarelinha, 2005.

2 Inicialmente, o conceito da educomunicação era empregado, de forma restrita, pela UNESCO e por pesquisadores como Mario Kaplún, para designar a prática da educação frente aos efeitos da mídia (leitura crítica da mídia). Ao ressemantizá-lo, o NCE/USP passou a referir-se a um conjunto de procedimentos, incluindo a gestão democrática da comunicação nos espaços educativos. Ver, sobre o assunto, SOARES, Ismar de Oliveira. “Educomunicação: um campo de mediações”. In: *Comunicação & Educação*, ano 7, p. 12-24, set./dez. 2000.

3 Documento *Mídia e educação*. Brasília: MEC, 2000. p. 31.



Oficina de Imagens: 10 anos de experimentação e iniciativas no campo da educomunicação



O processo de redemocratização do Brasil propiciou a um conjunto de estudantes e profissionais da comunicação pensar formas de participar da construção de uma nova prática educativa, visto que as informações veiculadas pela mídia interferem na formação dos cidadãos. Assim, não só a escola, a família e a comunidade, mas também a televisão, os jornais, as novas mídias, participam da construção de sentidos e valores para as pessoas, em especial, para crianças, adolescentes e jovens.

A Oficina de Imagens – Comunicação e Educação foi fundada há 10 anos, a partir da experimentação de linguagens da comunicação no espaço escolar e da necessidade de se refletir sobre as relações estabelecidas entre mídia e sociedade. As metodologias desenvolvidas partem de estratégias para a formação de cidadãos críticos, que possam produzir e veicular informações a partir do seu ponto de vista. Ao longo de seu trabalho, conceitos ligados a educomunicação, comunicação comunitária, novas mídias, arte e tecnologia,

participação social e política passaram a compor o campo de pesquisa da organização. Desde 2000, a Oficina de Imagens faz parte da Rede ANDI Brasil – Comunicadores pelos direitos da criança e do adolescente, que desenvolve ações para a qualificação da cobertura realizada pela imprensa neste campo e para o fortalecimento do movimento de defesa dos direitos infanto-adolescentes em Minas Gerais. Dentre as ações no campo da educomunicação destacam-se os projetos Latanet e JITE – Jovens Interagindo.

O projeto Latanet – da latinha à internet busca a construção de novas relações no espaço escolar por dois caminhos: aborda a articulação de conteúdos curriculares e redimensiona as formas de perceber e envolver os atores que constroem a escola no dia-a-dia. Em 2002, o projeto iniciou um trabalho de formação para 300 professores de 60 escolas, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Essa experiência gerou resultados muito interessantes, que foram sistematizados no “Caderno do educador”,



utilizado e atualizado pelo projeto em suas formações posteriores. Em 2008, o Latanet expandiu suas ações para o interior de Minas Gerais, sendo implementado na rede municipal de ensino de Diamantina, com a participação de 33 educadores de 5 escolas, incluindo a zona rural do município. Como resultado do trabalho, os professores que participaram do Latanet desenvolveram em suas escolas projetos com viés interdisciplinar, envolvendo aproximadamente 2.000 estudantes.

O trabalho com professores, estudantes e gestores do ensino público permitiu à Oficina de Imagens vivenciar experiências significativas no campo da educação: métodos para uma nova leitura de mídia, abordagens diferenciadas na produção de informação, utilização de ferramentas que tornam o ensino curricular mais dinâmico e promoção de intercâmbios que valorizam as identidades socioculturais. Outro resultado do processo, concretizado em 2005, foi a realização do Fórum de Comunicação e Educação. Com apoio da Rede CEP, o fórum reuniu cerca de 200 educadores, comunicadores, universitários, gestores públicos e de ONG's de todo o país em debates e painéis temáticos que apresentaram iniciativas desenvolvidas por jovens e professores. Em 2006, o Latanet recebeu o prêmio do Fundo Itaú Excelência Social - FIES, na categoria "Formação de educadores" e, no ano seguinte, foi certificado como "Tecnologia Social" pela Fundação Banco do Brasil.

Outra experiência sistematizada pela Oficina de Imagens é o projeto JITE – Jovens Interagindo, realizado desde 2002 com a participação direta de 50 jovens de Belo Horizonte e da Região Metropolitana. O objetivo da iniciativa é formar lideranças juvenis para a participação social e política em suas comunidades e na cidade. A formação do JITE buscou trabalhar e equilibrar dimensões como: mídia, expressão individual, identidade de grupo, o contexto histórico dos direitos da criança e do adolescente no Brasil, intervenções em escolas e espaços da juventude. Nas oficinas, os participantes produziram peças para mobilização de jovens em torno de questões relacionadas à violência sexual contra crianças e adolescentes, medidas socioeducativas, arte, cultura e profissionalização. Ao longo desses seis anos, as intervenções do JITE já envolveram cerca de 2.000 adolescentes.

Em 2007, o JITE se constituiu como grupo autônomo, que desenvolve seus próprios projetos e articula suas demandas de formação. Esse processo é visto pela organização como o principal resultado do projeto, e essa autonomia não significa, entretanto, um distanciamento entre o grupo e a instituição. Pelo contrário, o JITE tem assento no colegiado gestor da Oficina de Imagens e participa das tomadas de decisão da organização.

Atualmente, 20 jovens que participaram dos processos formativos são educadores sociais em escolas, programas governamentais, instituições

do movimento social e cultural da cidade e na própria Oficina de Imagens. Em sua trajetória, o JITE ganhou representatividade em movimentos de âmbito estadual e nacional. Assim, o grupo representa a juventude no Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual de Crianças e Adolescentes, na Rede Nacional de Jovens Comunicadores e no Fórum de Experiências Populares em Audiovisual, dentre outros.

As metodologias sistematizadas pelos projetos Latanet e JITE são referência para o desenvolvimento de novas ações na Oficina de Imagens. Como exemplos, o projeto Ocupar Espaços, que desde 2006 fomenta a experimentação tecnológica, o intercâmbio cultural e a formação de jovens para intervenções políticas e artísticas em suas comunidades; o projeto Imagem e Participação, que em 2007 atuou na formação de adolescentes e educadores junto à Rede de Ações Socioeducativas de Minas Gerais; o projeto Ir Radiando, que, em 2008, fomenta a criação de uma Rede de Jovens Comunicadores e atua na formação de adolescentes e conselheiros tutelares e dos direitos no semi-árido mineiro.

A Oficina de Imagens participa de espaços de articulação da sociedade civil como forma de incidir em políticas públicas no campo da educação, da comunicação, da infância, da adolescência e da juventude. Nos projetos que desenvolve, a instituição procura envolver os atores que são estratégicos naquele contexto, pois, somente assim é possível provocar as mudanças estruturais necessárias.

Faz parte da missão da Oficina de Imagens pesquisar e difundir novos fazeres e espaços educativos, inserir os conceitos e práticas da educação na pauta prioritária dos gestores e profissionais que atuam na educação formal e não formal. O trabalho articulado pela Rede CEP aponta perspectivas nesse sentido. O encontro de diferentes organizações do país, mas com propostas metodológicas que se aproximam, contribui para valorizar a diversidade de um campo que demanda pesquisa, investimento e força política em prol de uma educação de qualidade para todos, amparada nos valores e sentidos que se atualizam a cada dia em nossa sociedade.



PROFESSORA NO PROJETO LATANET



Educomunicação com Saúde & Alegria – Experiência da Rede Mocaronga em comunidades ribeirinhas na Amazônia



Muito se fala da Amazônia, de sua rica biodiversidade e dos problemas ambientais, mas poucas iniciativas permitem que a Amazônia seja apresentada pelos próprios moradores da região. Esse é um dos principais objetivos da Rede Mocaronga.

A Rede é um dos principais programas do Projeto Saúde & Alegria (PSA), que atua na Amazônia desde 1987, em comunidades ribeirinhas dos rios Amazonas, Tapajós e Arapiuns, municípios de Santarém e Belterra, oeste do Pará. Abrange 143 comunidades e 29 mil pessoas com ações de desenvolvimento comunitário nas áreas de saúde, organização comunitária, economia da floresta, educação, cultura e comunicação.

O projeto capacita jovens como repórteres comunitários através de oficinas de educomunicação. Eles alimentam a circulação de informações sobre a realidade e a cultura regionais e campanhas educativas entre as comunidades.

Essa comunicação é fundamental numa região praticamente isolada e com muitas ameaças

ao meio ambiente e aos meios de vida tradicionais. A apropriação popular da comunicação vem reduzindo esse isolamento geopolítico das comunidades e disseminando a voz do caboclo para outras regiões. O acesso facilitado às informações externas e aos conhecimentos universais também estão sendo úteis aos ribeirinhos para a compreensão do contexto da Amazônia no mundo e para a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania.

O programa prioriza a juventude, já que 47% da população das comunidades atendidas são menores de 15 anos. A educomunicação da Rede Mocaronga visa criar oportunidades de aprendizagem e inclusão social, estabelecendo uma mediação sociocultural que permite à juventude da floresta estar atenta com o mundo, desenvolvendo seus potenciais e valorizando sua identidade cultural.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são usadas para o acesso, organização, produção e difusão de conhecimentos e processos educativos. A educomunicação nesta experiência



JOVENS DA COMUNIDADE DE SURUCUÁ

possui um forte tom de ludicidade, de alegria, sempre se aproximando do universo cultural da região.

A Rede Mocoronga possui sucursais que são grupos locais de jovens repórteres organizados nas escolas e comunidades. O PSA é responsável pelo acompanhamento pedagógico e apoio na difusão do material produzido.

Na Rádio Mocoronga, os grupos animam rádios locais (rádios-poste) e mantêm um programa semanal na Rádio Rural de Santarém AM, difundindo as produções comunitárias. Na TV Mocoronga, os vídeos feitos pelos núcleos de cineclube são exibidos nas próprias comunidades, em mostras e em TVs parceiras. Cada sucursal produz um jornal comunitário cujas principais matérias são publicadas no jornal intercomunitário O Mocorongo. Os Telecentros Culturais são pólos avançados próximos às escolas, construídos em casas de arquitetura regional, e dispõem de computadores movidos à energia solar, com softwares livres e acesso à internet via satélite. Através de blogs feitos pelos jovens, os conteúdos locais ganham o mundo, incluindo os ribeirinhos na sociedade da informação.

Com a visibilidade do trabalho e o impacto social alcançado, o PSA vem cada vez mais sendo convidado para assessorar outras organizações e órgãos públicos e para compartilhar suas experiências.

Em Belterra, município de 14.594 habitantes,

o PSA vem, desde 2004, assessorando a gestão municipal em diversas áreas sociais. Na área de educação e comunicação, implantamos, em parceria com a prefeitura, um telecentro comunitário que já beneficiou 53% dos 5.434 habitantes da área urbana. A participação direta da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) no conselho gestor do telecentro fortalece o espaço como um centro de referência para os professores. Os alunos das escolas próximas utilizam o telecentro para suas atividades, uma vez que ele é ainda o único espaço de acesso gratuito à internet e única biblioteca pública da cidade. Realizamos também uma experiência de jornais escolares em 15 escolas, com turmas de 1º ao 5º ano, em parceria com a ONG Comunicação e Cultura, membro da Rede CEP, e a SEMED de Belterra, através do Projeto Primeiras Letras.

Outra ação é a educomunicação ambiental. Em 2007, as escolas foram mobilizadas para iniciar a elaboração de Agendas 21 Escolares. O trabalho aconteceu em três etapas envolvendo: i) “o retrato socioambiental da escola e da comunidade”; ii) “o que a comunidade sabe que a escola não ensina”, valorizando os saberes tradicionais locais; iii) “o saber comunitário dando sabor para a escola”, que integrou as ações anteriores ao currículo escolar.

No município de Santarém, experimentamos a relação entre escolas e telecentros comunitários. Dada a carência dos professores em sua formação na área de tecnologia da informação, estamos



capacitando-os para o uso pedagógico das TICs, para que percam o “medo” da tecnologia e passem a utilizá-la a seu favor no processo de ensino e aprendizagem.

Em parceria com o Projeto Puraquê de Inclusão Digital, grupo de ativistas nesse tema, e apoiado pela Secretaria Municipal de Educação de Santarém, estamos construindo bases pedagógicas tanto para os telecentros da Rede como para os laboratórios de informática das escolas, que vêm sendo montados por programas federais. Atualmente, 12 escolas, 40 professores e mais de 1.000 alunos já foram beneficiados. Um Pontão de Cultura Digital do Tapajós, em fase de implantação com o apoio do Ministério da Cultura e da Prefeitura de Santarém, também apoiará essa iniciativa.

Essas ações são pautadas pelo conceito de conhecimentos livres e produção colaborativa utilizando o software livre. As metodologias favorecem o aprendizado, a expressão, o estímulo à leitura e à escrita, a educação ambiental, a valorização da cultura local e a melhoria da relação entre escolas e comunidades.

O potencial dessas experiências exige do PSA um investimento cada vez maior em sistematização, esforço que já apresenta alguns resultados. Desenvolvendo esta experiência na Amazônia acreditamos estar demonstrando o potencial da educomunicação, adequando-a às peculiaridades regionais e integrando-a às políticas públicas no desafio de melhorar a educação no país.

FICHA TÉCNICA

CEAPS – Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental/ Projeto Saúde e Alegria/ Programa Rede Mocoronga

Área de atuação:

34 escolas e comunidades ribeirinhas dos municípios de Santarém e Belterra, oeste do Pará

Público direto:

330 adolescentes e jovens de 15 a 25 anos, divididos em 34 grupos

Público indireto estimado:

1.650 adolescentes e jovens, 29.000 pessoas, 143 comunidades,

Equipe:

9 educadores, 2 cooperantes, 3 estagiários

Patrocínio:

Programa Desenvolvimento e Cidadania Petrobrás. Apoio: Ministério da Cultura/ LAZ/ Comissão Européia/ Prefeituras de Santarém e Belterra

www.saudeealegria.org.br

www.redemocoronga.org.br

ORGANIZAÇÕES

Rede Nacional de Comunicação, Educação e Participação – Rede CEP

Secretaria Executiva

Rua Gonçalo Afonso, 55, Vila Madalena – São Paulo SP CEP: 05436-100

Tel: 11 3034.4046 - www.redecep.org.br

Auçuba – Comunicação e Educação

Rua Quarenta e Oito, nº 668, Encruzilhada – Recife PE

Tel: 81 3426.6386 – www.aucuba.org.br

Bem TV – Educação e Comunicação

Rua Hernani Pires de Melo, 64, São Domingos – Niterói RJ

Tel: 21 3604.1500 – bemtv@bemtv.org.br / www.bemtv.org.br

Centro de Criação da Imagem Popular (CECIP)

Largo de São Francisco de Paula, 34 / 4º andar, Centro – Rio de Janeiro RJ CEP: 20051-070

cecip@cecip.org.br - www.cecip.org.br

Cidade Escola Aprendiz

Rua Belmiro Braga, 146, Vila Madalena – São Paulo SP CEP: 05432-020

Tel/fax: 11 3819.9225 / 3819.9226 / 3812.5637 / 3813.7719

info@aprendiz.org.br – www.aprendiz.org.br

Cipó Comunicação Interativa

Av. Oceânica - Morro da Paciência, 3784, Rio Vermelho – Salvador BA CEP: 41950-080

Tel: 71 3503.4477 / 3331.3762 – www.cipo.org.br

Ciranda

Rua Desembargador Westphalen, 1373, Bairro Rebouças

Curitiba PR CEP: 80230-100

Tel: 41 3023.3925 – www.ciranda.org.br

Comunicação e Cultura

Rua Castro e Silva, 121, Centro – Fortaleza Ceará CEP: 60030-010

Tel: 85 3455.2150 / Fax: 85 3455.2154

comcultura@comcultura.org.br – www.comcultura.org.br

Movimento de Organização Comunitária

Rua Pontal 61, Cruzeiro – Feira de Santana Bahia CEP: 44017-170

Tel: 75 3322.4444 / Fax: 75 3322.4401 – comunica@moc.org.br – www.moc.org.br

Núcleo de Comunicação e Educação – Universidade de São Paulo

Av. Prof. Lucio Martins Rodrigues, 443, bloco 22, sala 26, Cidade Universitária

São Paulo SP CEP: 05508-900

Tel :11 3091.4784 – izabelwiz@gmail.com – www.usp.br/nce

Oficina de Imagens

Rua Salinas, 1101, Santa Tereza – Belo Horizonte MG CEP: 31015-365

Tel: 31 3482.0217 – www.oficinadeimagens.org.br

Saúde e Alegria

Av. Mendonça Furtado, 3979, Bairro Liberdade – Santarém PA CEP: 68040-050

Tel: 93-3067-8000 / Fax 93-3067-8005

psa@saudeealegria.org.br – www.saudeealegria.org.br



Parceria:

